

**E seremos
cavaleiros...**

Carlos Leonardo Bonturim Antunes

Capítulo Primeiro

DAS RAZÕES, DOS OBJETIVOS, E DO ASSUNTO DESTE LIVRO

É noite. A mesma noite que há séculos, no enfecho da tarde, liberta do firmamento o negrume de seus cachos, escondendo em si toda sorte de males humanos.

Isäsbarch certa vez me disse que, lutando em seu interior, ela nos adentra os ferimentos. Parece-me verdadeira tal história, posto que nestas horas é muito mais terrível a algidez do aço a rebentar a carne.

E, nesta noite, que é a mais fria e pavorosa noite já vivida, daremos nosso sangue ao aço imigo; e, como os antigos, hemos de lutar e de ferir, de matar... e de sucumbir, ganhando glória imortal e as mortes as mais honrosas possíveis; lutaremos até que tombe por terra o último de nós, não poupando esforços ou subterfúgios; de tudo faremos, guardando nosso posto avançado.

Conto esta história a fim de que a fama desses grandes heróis, companheiros meus, não pereça, agarrando-se ao ventre, ao fresco da chuva, em meio aos pinheiros, moída por rochas, embalada ao som de rútilos metais..., que abrem caminhos no corpo para os males noturnos.

Pelas musas heliconíades orientado, dou-vos o relato dos últimos dias de paz de um reino não tão distante, a um tempo mais ou menos remoto..., de alguns homens não muito diferentes de vós; os poucos dias que antecederam o embate mortal no chão da floresta.

Somos, ao todo, nove guerreiros; os mais fortes dentre nosso exército, de modo que fomos escolhidos como batedores, para que, indo à frente, desbravemos os maiores perigos. Assim nos disse Gummerkeind, e ele é nosso líder. No estreito que separa nossa pátria do desconhecido, aguardamos um exército fabuloso. Nossa missão: mantê-lo afastado a qualquer custo, de forma que a armada de Kadum-Palr tenha tempo de reunir-se em marcha até nós.

Havia apenas hora e meia que alcançáramos o posto. O clima geral era de uma serenidade praticamente espartana, já que nossa missão, ao menos, era a mesma.

Capítulo Segundo

DE COMO NOSSOS HERÓIS SE PREPARAVAM PARA A LUTA, E DE COMO FORAM PERTURBADOS PELO FAMOSO RAPTO DO ARTEFATO ANCESTRAL

– Amigos, por nossa bravura e arte, tão-somente, até aqui chegamos. Os que antes de nós tombaram merecem um altar em sua memória; que o sejam as pilhas de mortos que faremos, e que as libações as faça somente Gaia, e sejam elas de sangue imigo. Tomai coragem, irmãos, neste momento funesto; é mais que certo o apego que as forças primordiais tem para conosco, pois até aqui chegamos. Dividamos, sem mais delongas, as tarefas vitais; não há tempo a perder.

Assim falou Zemckam, e logo Gummerkeind, líder de nossa expedição, voltou-lhe, de relance, seu olhar semicerrado, meneando a cabeça em assentimento:

– Estás mais que certo; façamos o reconhecimento e armemos nossa defesa. A Torin e a Bo encarrego, como sempre, de buscardes água e víveres; enquanto eu, tu, e Perhetürk, tratamos da fortificação. À guarda, Hacknard. Wolltert e Isäsbarch, fazei vossas coletas e rituais.

E já íamos tomando todos nossos caminhos, fazendo-se a vontade do líder. Contudo, mal havíamos feito menção de partir, Hacknard, que olhava de um canto a outro, como que procurando algo, deteve-nos:

– Onde está meu bordão? – balbuciava, desesperado – Quem..., quem desta honrada companhia o tomou sem que eu o visse? Quem maculou o sentimento de confiança que entre nós existia? Quem dentre meus amigos diletos ufana-se, taciturno, de tal ato vil?

– Muito bem... – bradou Gummerkeind, fechando os olhos e coçando a cabeça, irritado pelas constantes interpolações de Hacknard –, onde está o pedaço de pau do infeliz aí?

– Senhor meu – eu lhe disse –, não se trata apenas de um pedaço de pau, mas, sim, do maravilhoso bordão de Ucknatar, o vigilante, que o empregava para manter-se firme e atento, dia e noite, quando de suas ovelhas cuidava, caprichoso. Não apenas este é um

artefato ancestral, mas também um dom mágico, conferido aos homens pelas forças primeiras.

– Que seja, então, Wolltert; irás encontrá-lo – tornou, fulminante. – Tens duas horas. Se ao cabo deste tempo, voltares sem o graveto em questão, consideres-te morto..., e de teus ossos... – completou, incisivo – farei outra bengala para Hacknard.

Gumnerkeind me olhava com seus olhos pequenos e encobertos. Pareciam sumir atrás das pálpebras, escondendo a própria essência da Noite junto de si. Creio que se divertia com a idéia de ver-me morto. De qualquer forma, todos sabíamos que nossos futuros seriam breves. Era apenas uma questão de algo nos tirar a preciosa vida; e, mesmo com sorte, não levaria muito. Nessas horas, todos os caprichos humanos parecem pulular sem limites.

Os outros nos olhavam espantados e temerosos. Até Hacknard dava mostras de, mais uma vez, arrepender-se de falar demais; e eu, de deleitar-me com as coisas mais simples; de cantar a grandeza de todas as coisas singelas e venustas que habitam Gaia.

Tendo recolhido meus pertences, que no chão deixara para descansar lombo e braços, fui-me em direção ao caminho que havíamos acabado de percorrer. Ao ver-me fazê-lo, Isäsbarch veio junto a mim:

– Que estás fazendo, néscio?! – murmurou-me, agitado.

– Não acredito – respondi-lhe enquanto ia andando – que algum de nós tenha tomado de Hacknard o famoso bordão. Creio que hei de achá-lo perdido por caminho já trilhado.

– Bem, seja como for, irei contigo. Lembro-me de termos passado por um pantanal, onde acredito encontrarem-se ervas de que nós dois ainda hemos de precisar, caro amigo – falou-me, esfregando mão contra mão e dando risinhos.

Sorri-lhe forçado; não por falta de amizade, mas porque o ódio mortal me fervia as entranhas. Por um duplo capricho, teria de embrenhar-me mata adentro, dando minha vida ao desconhecido, para reaver o que alguma moita, lodaçal ou talvez batedor, tivesse tomado de meu companheiro dileto. Isäsbarch ia comigo. Isso talvez me fora o único conforto, pois, mais que todos, este era sábio e amigo.

Capítulo Terceiro

DA MANEIRA PELA QUAL NOSSOS HERÓIS, COM MUITA ARTE, ANIQUILARAM DUAS FERAS EM COMBATES SINGULARES

A meio caminhar de nossas mortes, tendo ambos galgado a trilha rochosa que delimitava o vau, onde meus companheiros erguiam defesa, já escalávamos, eu e Isäsbarch, os últimos metros de pedras do aclave. Pouca noção tenho de quanto tempo se passou desde que começamos tal empresa. E foi nesse momento, a meio caminho entre vau e pântano, que algo de extraordinário se passou entre mim e meu amigo.

Lembrava-me de que este fora o lugar onde passáramos a noite passada. Havíamos feito uma pequena fogueira, em torno da qual nos sentáramos alegres, enquanto eu entoava a avena com muita arte. Uma gazela ia chiando por sobre o fogo, e pareceu-me, naquele momento, que alguém nos espiava, recôndito. Sem mais motivos para temerança, contudo, continuei com as canções maviosas, que aos homens trazem paz e sono. Era um lugar tranqüilo, fizemo-lo, pois, de abrigo para compensar as três noites sem sono. Dormimos quase um dia todo.

Mas eis que agora, já descansados, e com a limpeza que as pedras tiveram pela ação da chuva, eu via claramente uma fenda no agrupamento rochoso; estivera encoberta por algumas raízes e folhas, que desabaram com a água. Aquilo pareceu-me fantástico.

– Amigo meu, caro Isäsbarch, não te pareces uma caverna, onde algum monstro afamado faz morada?

– Sim, mas vamos indo em frente, meu caro. A noite está linda demais para se desperdiçar numa caverna, batendo em monstros. Olha ali, acho que vi uma estrela cadente! Vamos, deixa de demora...

– Espera! – bradei, segurando-o pelo braço – Talvez seja o habitante dessa caverna o culpado pelo rapto do famoso bordão, o artefato ancestral de Ucknatar. Sinto que nos depararemos com algum parente de Polifemo, Isäsbarch! Nossa glória será eterna! Matemos nós o monstro, vingando assim Hacknard!

Puxei pelo braço Isäsbarch, o qual não parecia ser, exatamente, um amigo das aventuras heróicas.

Adentramos, cuidadosos, a caverna secreta.

Não me hei de gabar dos feitos heróicos que lá realizamos, nem das pilhas de tesouros deixadas para trás, em detrimento da retirada do bastão, como peça de único valor para um herói que dá vingança ao amigo dileto.

Saímos vitoriosos, levando conosco provas de que havíamos matado, em combate singular, o monstro: seu único e enorme globo ocular, e o bordão de Ucknatar. Saí empunhando o último, tendo guardado o primeiro em um bolsinho da camisa.

Como se fosse nossa contenda algo de pequeno valor, ao deixarmos a caverna, vimos que a sorte nos reservara ainda mais glória: uma fera de tamanho descomunal nos aguardava; terrível de se ver, presas à mostra, salivando toda a fome de carne que uma criatura selvagem tem. Era, sem dúvida, um lobo; e o maior e mais peludo lobo de que se tem notícia.

Isäsbarch, que, como já vos contei, era o mais sábio e ardiloso de meus companheiros, mostrou-me seu verdadeiro espírito guerreiro: lançou-lhe uma mágica poderosíssima. Meu amigo ficara com os olhos como que vazados, todos brancos, balbuciava palavras arcanas, e seus braços tomavam um brilho de opala pulsante. Estendeu-me a mão, pedindo por algo.

Logo entendi que era o afamado bordão. Já esperava por uma demonstração do que um pastor faz com aquele que lhe tenta roubar uma ovelha de seu rebanho. E, certamente, tive um espetáculo.

Tomou o bordão, artefato ancestral de grandíssimo poder, e, com muita arte, lançou-o para além do outro lado da montanha. A pobre criatura, seguiu-o, como que enfeitiçada, e só nos restou ouvir os gemidos, seus últimos, enquanto rolava montanha abaixo.

Capítulo Quarto

EM QUE SE NARRAM OS ENSINAMENTOS DE ISÄSBARCH, E A VITÓRIA DE NOSSOS HERÓIS SOBRE O DRAGO

– És o mais vário e astucioso homem que já se intitulou herói, caro amigo. Jamais me imaginei presenciando um ato de tamanha bravura e engenho. Saímos ilesos de um

enfrentamento que, à maioria dos homens, daria morte inglória. Dá-me muita alegria e honra ser-te amigo!

– Meu companheiro bardo – dizia-me, sorrindo maroto –, saiba que é comum, com o passar dos anos, adquirirem-se sabedoria e astúcia; e eu conto já muitos verões, por isso, sou respeitado e minha opinião é sempre ouvida nos conselhos.

Desta arte, íamos caminhando em direção ao cume, o mestre recordando-me dos momentos mais graciosos de nossas recém-vividas aventuras, enquanto eu ia presenteado por sua companhia, pois, mais do que nunca, parecia-me portentoso e digno de ser venerado. Ia bebendo de sua sabedoria, e deleitando-me enquanto dávamos início à nossa descida, procurando o novo paradeiro do bordão de Ucknatar.

Percorremos todo o caminho montanha abaixo, desviando das grandes pedras que se erguiam ao nosso redor. Umaz vezes escorregando, outras dando apoio fraternal um ao outro, finalmente, chegamos ao sopé do monte, onde o pântano viscoso nos dava indícios de sua presença. Seu odor místico sibilava no ar, carregado por uma agradável brisa, que nos ia impelindo os passos sempre em frente.

Quando encontramos o cadáver da besta vencida por meu mestre, mui tristemente constatamos que o mágico lenho havia, misteriosamente, desaparecido. Todavia, nesse momento em que a Desgraça parecia sufocar-nos, saindo das profundezas do lodaçal, eis que fomos agraciados com uma visão estupenda; algo que marcaria nossas retinas até o final de nossas vidas.

Num torrão de terra flutuante, oito sapinhos se encontravam perdidos dos pais. Com muito esforço, sua mãe começava a ajudá-los, um por um, a voltarem para a terra firme.

Emocionamo-nos, eu e meu mestre, com tal cena; invejando a sorte dos sapinhos, por terem eles alguém tão nobre a lhes resguardar.

De uma moita espinhosa, avançou-lhes uma serpe ingente. Deu-lhes morte rápida e retornou à sua moita.

– Mestre, – disse-lhe consternado – será que não se pode ter paz neste mundo?

– Wolltert tolo, é óbvio que se pode ter paz! Tem-se paz até o momento em que se não a tem mais!

Embevecido por aquelas palavras de sapiência, acompanhei meu mestre pântano adentro.

Capítulo Quinto

DOS DUELOS CONTRA AS FORÇAS DA NATUREZA

Mais tarde, tive notícia de acontecimentos dignos de serem narrados, os quais, estando eu e Isäsbarch, amigo e mestre venerando, dando os corpos a fomes e vigias, a meus outros companheiros sucederam. Sinto que é vital tomardes consciência deles, leitores amigos. Portanto, ei-los!

Seguindo um nítido barulho de queda-d'água, estavam Bo e Torin a desbravar a floresta, cumprindo seus deveres, para com líder e tropa, de acharem os mantimentos.

À frente, ia Torin, meu companheiro que, como uma altíssima colina, onde trigo dourado resplandece plácido e vetusto, dava impressão de força e amabilidade. Bo o seguia, perscrutando cada movimento do mundo com seus olhos ágeis, semelhante a negro gato quando, felino e majestoso, avança célere em busca de sua presa, nada escapando a seus sentidos de caçador.

Passavam, desta arte, por muitas rochas e árvores natentas, ambos heróicos e belos de se ver. Por fim, alcançaram um lugar onde água lustral brotava, num pequeno jorro, de algumas pedras escuras, serpenteando, em seguida, floresta adentro. Exaltando a beleza do fenômeno, algumas árvores abriam parte de suas copas para que, fulvos e brilhantes, os raios do Sol iluminassem o lugar.

Vendo tal espetáculo, meus amigos se aliviaram e logo limpavam seus rostos cansados, enchendo os cantis em seguida, e pendurando-os novamente em suas mochilas.

– Resta-nos, agora – comentou Torin –, conseguir os víveres.

– Sim, Torin, escondamo-nos atrás das rochas escuras – dizia, lentamente, enquanto acariciava o queixo, onde crescia uma barbicha bem-aparada. – Sem dúvida, não somos os únicos a fazer uso desta água lustral.

Torin aquiesceu prontamente, e ambos puseram em prática o plano de Bo. As pedras formavam um pequeno monte, em cima do qual acreditavam poder esconder-se e aguardar suas vítimas. Tinham os arcos à mão e preparavam-se, com a rapidez que apenas a experiência é capaz de proporcionar, para executar suas tarefas.

Tendo se passado algum tempo e nada ocorrido, a inquietação de Torin começava a causar ao outro uma certa irritação. Dando-se conta de que o plano não parecia funcionar, achou por bem que deveriam tentar algo diferente.

– Ali, Torin – apontava para perto do riacho –, deita-te ali e começa a balir como um cordeiro ferido. Eu ficarei aqui em cima, pronto para dar morte rápida e brutal a qualquer ser que se te aproximar.

– Tens certeza, ó Bo, de que não podemos colher algumas castanhas daquela árvore ali? Olha!... Estão apetitosas! E acho que vi algo se mexer rio abaixo; estou pensando aqui comigo, e creio que talvez sejam peixes!

Não custou a Bo mais do que dois minutos para convencer o amigo a deitar-se próximo ao riacho, balindo feito cordeiro ferido. Alguns elogios, meia dúzia de imagens sinestésicas de um banquete de viandas, e Torin se já mostrava um cordeiro nato.

Um farfalhar de folhas, mui próximo, atraiu a atenção de Bo. Saindo, despreocupado, de um urzal, vinha um urso, ingente e negro como a noite. O arqueiro sorriu ao ver seu plano funcionar. O mesmo não se podia dizer de Torin, que agora gemia com ainda mais ímpeto, conforme a fera se lhe aproximava.

Retesou a corda do arco, empregando toda sua força e proficiência, e já lhe ia lançar flecha certa, que o faria cair morto; o crânio perfurado de ponta a ponta. Quis a sorte, ou a força demasiada de seus braços, entanto, que o arco se lhe partisse em dois enquanto o envergava, causando um alto estalo, seguido de uma pancada na cabeça. Desequilíbrio, mas sua natureza de acrobata, mesmo que com algum esforço, o manteve em pé.

Quando se apercebeu do que havia ocorrido, Torin pôs-se a correr o máximo que suas pernas de gigante lhe permitiam, pois que do urso, praticamente, já se sentia o hálito ofegante. Jogou-se por detrás de uma árvore caída, buscando lâmina de espada com que matar a fera.

Bo, ainda um tanto perplexo com o incidente, juntou algumas pedras para arremesso. E assim ia lutando, de cima do rochedo, com o urso, que apesar de tudo não dava mostras de importar-se com ambos, pois bebia tranqüilamente da água, e, estando satisfeito, partiu sem mais problemas.

– Quase, meu amigo – disse-lhe Torin quando se encontraram perto da água –, que viramos o prato principal, ao invés de consegui-lo! Mas veja que, quando tomava posição de ataque contra o monstro, encontrei um ninho cheio de ovos!

– Ali! – e, conforme disse, o outro virou-se para ver um cervo, certamente o mais forte de seu bando, bebericando do riacho, sem lhes haver reparado, por estarem atrás de uma árvore.

Partiram com espadas em punho, urrando seus gritos de guerra. O animal, vendo-se em perigo, deu-lhes combate duro, investindo-lhes, em grande velocidade, com os chifres mortais.

Acostumados, como estavam, a trabalharem em equipe, logo fizeram seus ataques sincronizados. Bo pulou para cima de uma árvore, com toda sua destreza felina. Torin, tendo largado a espada, amplexou-se com o imigo, agarrando-se em seus cornos; travavam um duelo de forças descomunais, pois o cervo era tão grande e forte quanto o nosso amigo ingente.

Com apenas um golpe bem direcionado, derrubando-se sobre o bicho, Bo tirou-lhe a vida em uma fração de segundos.

Voltaram satisfeitos, carregando o que viria a ser uma de nossas últimas refeições.

Capítulo Sexto

QUE CONTA A CONSTRUÇÃO DAS DEFENSAS ALIADAS, E O SAQUE QUE GUMNERKEIND E SEUS SÓCIOS DERAM ÀS SIRENAS

Erguiam defesa, nesse ínterim, nosso senhor, o pastor de homens, Gummerkeind; Zemckam, ínclito espadachim, filho do oriente; e Perhetürk, que, mais que todos os homens, se assemelhava a um grande monte rochoso de cujo cume o magma impelido projeta-se à terra quando insuflado – todos meus amigos e sócios benquistos. Trabalhavam duramente, derrubando e talhando lenhos, e erguendo-os, mais tarde, para que se formasse uma barricada, de onde daríamos guerra ao imigo.

E foi neste lugar de pinheiros, rochas, e chuva fina, que se depararam com algumas sirenas, males belíssimos, as quais tomavam aqueles bosques como morada.

Vendo-as, parou-se o tatarar dos machados; quedaram-se os meus pobres amigos, imotos e admirados. E, para junto do trio pasmado, vieram as sirenas, com seus corpos marmóreos. Seu caminhar, tão dulcímoto, evocava o princípio de uma profunda letargia. Dançavam diáfanas; seus cabelos reverberando soltos pelo ar, como as ondas de um mar bravo erguem-se de encontro a um crepúsculo violáceo; o frescor que trescalavam era igualmente marítimo, e, entanto, ao mesmo tempo, era como se se houvesse derramado mel sob o farfalhar de seus passos esguios. Dançavam. Nos seus semblantes egrégios, havia uma harmonia tamanha entre candidez e maldade, juventude e experiência, amor e ódio, que se podia passar uma eternidade, apenas no intento de adivinhar-lhes o verdadeiro significado de tal olhar multinuvioso.

Já estavam meus companheiros a um passo da destruição – pois aqueles seres etéreos nada mais queriam do que se apossar de suas almas, e delas fazerem brinquedo caprichoso –, quando deram-se as ninfas a um canto notório; algo que meus sócios soíam ouvir nos banquetes em que eu, acompanhado da lira, prestava-lhes meu melífluo cantar.

– Por todas as lanças de meu exército! – disse Gummerkeind, acordando do transe. – Essas criaturas são infernais! Eis que cantam uma das canções de Wolltert! Acordem, meus amigos! – e, assim dizendo, distribuiu tapas nos dois sócios caríssimos.

Acordando, afugentaram as sirenas, sob uma carga de pauladas.

Dando por terminado seu serviço, viram que as perduráveis haviam deixado cair um amuleto de grandíssimo poder: um tridente majestoso, que elas, certamente, tinham sido incumbidas de levar para polir, pois estava um tanto quebrantado.

Nestes moldes, salvos pelo conhecimento adquirido por meu cantar mavioso, iam eles adquirindo glória enquanto terminavam a defesa de madeira; a grande defesa daquele vau, cujo nome escapa à memória dos homens. Feitos grandiosos nos aguardavam no enfeixo da tarde.

E o tempo ia passando.

Capítulo Sétimo

DO PRESSÁGIO FUNÉREO DE HACKNARD

Todos esses acontecimentos preternaturais iam se desenvolvendo, simultâneos. E enquanto uns sofriam revezes e trabalhos sem conta e outros ganhavam glória e renome tanto em combate quanto em saques de tesouros fantásticos, nosso bom vigia, Hacknard, atentava ao horizonte.

Subira na mais alta árvore daquele passo, lá montando guarda desde então. E, muito embora estivesse despojado de seu artefato místico, o qual lhe conferia ainda maior poder de observação, Hacknard fazia seu labor com muito esmero. Estava deitado, o infeliz, devido ao fato de haver, nos últimos dias, dado mostras de mancar, pois dizia ter se ferido durante a jornada.

E foi durante essa vigília primorosa que alguma força extraterrena lhe apareceu em sonho, carregando seu corpo astral através do mar etéreo.

Foi-lhe mostrado um reino muito distante, onde rios correm para cima, e o Sol nunca brilha. Pairava, nesse estado de transe em que se encontrava, sobre as construções, altíssimas, que formavam um grande círculo em torno do palácio central; todas se assemelhando às formas árabes de moradia.

Continuou em tal périplo por mais alguns minutos. Disse-me, mais tarde, agoniado, ter visto estrelas que, ferozmente, caíam sobre Gaia, cortando-lhe os céus em rastros de fogo. A lua rasgava o ar com seus giros, cada vez mais rápida, mais e mais rápida; e, à medida que conduzia tal revolução desvairada, seu corpo celeste se avultava cada vez mais. Oceano sublevava-se estrondosamente. E atrás de meu pobre amigo o hálito da morte palpava-o em torno à nuca. Ele fugia. E a morte, não obstante, o acompanhava.

Entrou desesperado através das portas duplas do castelo. Correu até um recinto no final de uma escadaria que o conduzira para cima e em seguida para baixo. Ofegante, ouviu a porta trancar-se atrás de si.

Encontrou-se num quarto mui estreito, feito de pedras escuras que suavam sangue. Viu sete ratos se debaterem num prato em frente ao trono ocupado por uma figura cadavérica, cujos olhos, as únicas luzes do ambiente, tremulavam. Estava preso.

Preso junto à morte.

Capítulo Oitavo

DAS LIÇÕES DE ISÄSBARCH, E DA MISSÃO COM QUE NOSSOS HERÓIS FORAM INCUMBIDOS

– Mestre meu, Isäsbarch, eis que andamos através de noite e pântano, buscando apenas o resgate do afamado objeto, mas não vejo bem as relações que as coisas têm umas com as outras, ou, simplesmente, estamos perdidos?

– Caro amigo – disse, dando-me um tapinha consolador nas costas –, sinto que, para resolvermos tal dilema, ser-nos-á necessário definir esse estado (se é que assim se o pode denominar) de perdição. Tentemos isolar a coisa-em-si. Se partimos de um lugar A, procurando um lugar, pessoa, objeto, etc., X, seguindo tão-somente a vontade de nossas pernas, desta forma, fazemos um trajeto até um ponto B qualquer, acompanhas-me?

– Sim.

– Estando, pois, em B, por que estamos perdidos?

– Bem, acho que isso se dá por não termos alcançado X.

– Hmm. Muito bem – o mestre olhava em frente, pensativo –. Logo, a condição de estar-se perdido resume-se a: todo o espaço a partir de um ponto qualquer, procurando outro. Concordas?

– Parece-me que sim, ó Isäsbarch.

– Logo – concluía ele, e seus olhos brilhavam –, estamos sempre perdidos até o momento em que deixamos de assim estar, por termos alcançado o objetivo.

– Pois que sim! Mas falas, se não me estou enganado, da perdição enquanto estado em que alguém se encontra quando procura cegamente por algo, não é?

– De fato.

– E quanto às procuras que, orientadas de alguma forma, e tendo o local almejado nitidamente expresso, entanto, por algum desvario, terminam em um caminho desconhecido?

– Ora, meu caríssimo, assim sendo, não estás perdido, e, sim, descobrindo novos horizontes! E, com alguma sorte, acabarás fundando vida nova.

E caminhávamos.

O pântano adquiria uma beleza campestre enquanto recebia, de bom-grado, aqueles belos ensinamentos. Todavia, como nada que é dourado assim permanece, vimo-nos

forçados a entrar num novo ambiente, presenciando outro acontecimento, cuja notoriedade se vos demonstrará nas próximas linhas.

Eu e meu mestre tivemos de dar fim ao passeio alegre em que vínhamos quando uma árvore rançosa se derribou à nossa frente, causando comoção nas águas lamacentas, e quase nos rachando as cabeças de longos cabelos.

Meu mestre me fez sinal para que esperasse. Sábio que ele era, entendia que algo fora do comum estava para acontecer.

Não levou mais que alguns instantes para o tronco emergir novamente.

– Mestre – disse-lhe, tendo passado alguns minutos, nos quais ele ficara imoto e de olhos fechados, e nada acontecido –, o que estamos esperando?

– Aquieta-te! Estou conversando com esta árvore, tombada por ação de forças malignas.

– Perdão?

– Eu disse – tornou-se a mim, fogo brotando dos olhos – que te aquietasse, pois estou a dialogar com esta nobre madeira, a qual, segundo me contou, é prima de terceiro grau do bordão de Ucknatar e... Bem, o resto conto-te depois. Vamos!

– Aonde?!

– Vingiar a pobre árvore, pois que, assim fazendo-o, dar-nos-á a localização do primo.

E foi assim que começamos a maior aventura jamais vivida.

Capítulo Nono

EM QUE SE NARRAM OS GLORIOSOS FEITOS DE ISÄSBARCH

Durante a nova caminhada que fazíamos, embrenhando-nos nos juncos que flanqueavam a direita da trilha anterior, meu mestre punha-me a par da genealogia dos lenhos, discorrendo igualmente sobre as grandes famílias que encobriam as encostas de montanhas, e as pequenas hortaliças que abundam nos campos.

Entretanto, mais importante que isso era a explanação de nosso novo objetivo e das coisas que o mesmo implicava.

– Tenha em mente – aconselhava a voz a meu lado –, caro Wolltert, que os perigos desta empresa serão muitos. Vemo-nos, agora, forçados a adentrar o território de Öfna, a feiticeira que, entre lodo e répteis, faz sua morada infame.

– E por que o fazemos, caro amigo?

– Por que, meu jovem, assim como já te disse, precisamos vingar a árvore que há pouco encontramos, já que esta nos dará a localização do famoso bordão.

– Até aí, acho que compreendo – falava com cautela, para não aborrecer meu mestre –, mas de que forma a tal feiticeira pode ter algo a ver com a derrubada de tua amiga? E, mesmo tendo, como podemos dar crédito ao depoimento de um pedaço de madeira?

– Primeiramente, digo-te que, sendo aquela árvore veneranda a mais antiga e sábia árvore deste pântano, a famigerada bruxa desejava, a todo custo, seu poder. Assim, fez com que seus répteis destruíssem a infeliz pelas raízes, roubando-lhe o néctar da vida, fato que resultou naquilo que viste com teus próprios olhos. Ademais, lembra-te de que as árvores, por seu aspecto rígido e ancião, lembram as mais antigas forças de Gaia. Desta arte, compartilham elas da sabedoria e majestade que todas as coisas antigas em si encerram.

– Não é necessário que digas mais nada; tens-me por convencido.

– Então, prepara tua espada e o imo peito; busca forças, pois delas muito precisaremos!

Avançávamos por um cemitério de crocodilos, um lugar fúnebre onde tais criaturas se dirigem para perecer junto aos parentes queridos. Os grandes fósseis se amontoavam à nossa volta, obrigando-nos a tomar um passo mais cuidadoso em meio ao labirinto que formavam.

Um corvo gritou seu grasnido rouco e longo, ecoando no cinza-mofado da noite, como um último aviso do horror que à frente se encontrava.

Ouvíamos, agora, pequenas borbulhas saindo da água ao nosso redor, mas durante o percurso, nada nos importunou. Parecia que éramos esperados. E isso, de certo, não podia ser bom.

Mais uma curva, contornando uma montanha de ossos, e alcançamos o palácio de Öfna; uma construção rústica de pedra esverdeada por musgos, e coberta por troncos de madeira, onde cresciam espinheiros de flores negras como a Noite, e que exalavam um bafo de morte.

A porta estava entreaberta, revelando um único cômodo redondo; ossos e desenhos com sangue ornamentavam as paredes, algumas peles forravam chão e dividiam o fundo do restante do ambiente, e um grande caldeirão, circundado por todo o tipo de amuletos e elementos de magia, encontrava-se no centro.

Sem reaar a morte, adentrei o mal que pairava espesso no ar do portão.

E já ia vasculhando os apetrechos, quando dei por mim que Isäsbarch ainda quedava do lado de fora, olhando para longe, e forçando os ouvidos a algum som oculto a meus sentidos.

– Mestre?

– É uma emboscada, Wolltert! Saia daí!

Joguei-me para fora do recinto, caindo na água lamacenta. Rolei de lado, sacando da espada e tomando posição de combate.

Não levou muito tempo, e todo um exército reptiliano começou a surgir do âmago pantanoso, formando um meio círculo em torno da entrada do palácio. Eram homens no porte, mas tinham o aspecto de um grande lagarto. Postamo-nos em frente ao portal.

Sangue gélido veio-me, num jato, ao rosto quando o primeiro golpe de minha espada abriu um tórax de cima a baixo. Com o escudo aparei um golpe mal-dado e girei a lâmina ao lado oposto, para arrancar daquele monstro um grito de terror e um de seus braços escamosos.

Meu mestre, símile da noite, entrou na construção e imprecava maldições e feitiços contra as bestas. Disse-me, depois, que sua magia havia feito com que eu lutasse com a leveza do vento e a força de um maremoto.

Desta arte, eu ia ceifando corpos em meio à noite.

Quando dei por terminado o combate, estava impregnado de sangue e suor. Tinha cortes nos braços e pernas, e a armadura demonstrava sinais de golpes de clava e pedra.

Saindo das peles que separavam o aposento, Öfna nos recebeu com um sorriso incógnito.

O mestre deu-me sinal de que agora era sua vez de agir.

– Salve, Öfna, rainha feiticeira a quem o céu se...

Fomos silenciados por uma nuvem de pó brilhante que escapou dos lábios da maga.

E foi assim foi que, mesmo que por pouco tempo, nos transformamos em cobras-d'água.

Capítulo Décimo

EM QUE SE RELATAM AS MAIS INCRÍVEIS FUGA E VITÓRIA CONHECIDAS

Com estes aspectos teríamos ficamos pelo resto da eternidade, habitando o palácio de Öfna, não tivesse meu mestre arquitetado um dolo para nos livrar de tal situação humilhante. Tendo a feiticeira deixado o palácio, cantarolando a vitória, dávamo-nos aos preparativos do plano.

– Façamos o seguinte, caro Wolltert – dizia-me ele, uma vez que, malgrado os efeitos da magia, conservávamos a capacidade de falar –: no momento em que a desonrada voltar de seu passeio noturno, devemos nos disfarçar de sandálias belas de se ver.

– Mas, mestre..., como?

– É muito simples, néscio; estando transvestidos de sandálias, seremos sandálias até que se perceba o contrário, e deixemos de sê-las.

– Às vezes – disse com minha voz de serpe –, até eu me espanto com tua sagacidade, mestre Isäsbarch.

Tomamos, então, nossas novas formas, graças à magia do mestre, e posicionamos ao lado da porta, onde a feiticeira soía despir-se do manto pesado ao chegar.

Pouco tempo depois, a malvada retornou ao lar, e o plano de meu mestre parecia funcionar perfeitamente, pois, mal chegara, já nos calçou e ia-se andando pelo palacete.

Procurou-nos durante muito tempo. Sem sucesso. Um dolo de Isäsbarch nunca podia ser descoberto sem muito penar. Fez, portanto, com que voltássemos à nossa forma original, para talvez assim nos encontrar embaixo de algum crânio ou pele de urso.

Podeis vós imaginar, caros leitores, o espanto da maldita, pois, quando nos transformamos em guerreiros novamente, agarramo-la com tenacidade?

Não lhe havia outro remédio que se render à força e inteligência de meu mestre e minha.

– Vejo agora que vós sois guerreiros de valor comprovado nas artes da guerra. Vinde comigo desfrutar dos prazeres hospitais, pois vos devo tudo aquilo que um hóspede benquisto deve receber.

Öfna fez com que pratos de carnes sortidas a nós se servissem. Água lustral era trazida de fora, de modo que se jogasse por sobre as mãos. Vinho rubro era servido, e eu cantava a ela os feitos de um homem vário que tanto penou por terra e mar. Todas as mãos se esticavam, buscando alcançar as viandas.

Tendo a vontade da fome e da sede saciado, fizemos nossas demandas a Öfna, rainha feiticeira.

– Ó Öfna – terminando meu canto, volvia-me a ela –, princesa dessa terra singular, nutriz de crocodilos, sabe que viemos, eu e meu mestre, a vosso encontro por parte da árvore ancestral a quem vós destes morte inglória na água rançosa.

– Amigos, não precisais dizer mais nada. A glória de vossa busca pelo bordão de Ucknatar, artefato de grandíssimo valor, já atingiu o céu. Já tivestes vossa vingança, afinal, derrotastes a maior feiticeira destas bandas.

– Não te faças de tola, Öfna – interrompeu o mestre –; sabes muito bem que nossa vingança ainda não está consumada, e que, para tanto, deves dar um cacho de teus cabelos!

O que se seguiu foi uma série de impropérios e imprecizações, por sua vez seguida de safanões e puxões de cabelo esganiçados. Por fim, saímos céleres daquele lugar nefando.

Encontramos a árvore tombada no mesmo lugar em que a deixáramos.

O mestre se ajoelhou e proferiu suas palavras mágicas. Ofertou nossa vitória à árvore e, em seguida, deu-me um sorriso triunfante; agora, ele sabia onde o bordão estava, e nossas vidas tomavam, mais uma vez, o caminho da salvação.

Capítulo Décimo Primeiro

DA TAREFA FINAL DE WOLLTERT NO CAMINHO DA MAGIA

Terminadas as orações fúnebres, deixamos nossa amiga – que ela esteja ainda mais bela nas ilhas-dos-bem-aventurados! – receber seu sono eterno. Partimos, seguindo em frente pela trilha que nos levaria até o estreito, onde meus companheiros armavam defesa.

Meu mestre ia se guiando pelas orientações que sua amiga lhe dera em seu leito de morte; tudo parecia se encaminhar para o melhor, pois não levamos mais que alguns minutos para encontrar uma grande rocha com a forma de um crânio. Contornamo-la e fomos em frente, desbravando aquele lodaçal imundo.

Muitos escorregões, quedas e desentendimentos mais tarde, alcançamos uma elevação de terreno que formava uma espécie de ilhota, contrastando severamente com o restante do lugar. Ali, cresciam alguns arbustos sem flores e uma grama fina e dura como os pêlos de uma escova de ferro. No centro, uma árvore frondosa, da qual meia dúzia de galhos compridos e fortes, como braços de guerreiros, se erguiam tocando o teto do mundo. Nas últimas folhas do último lenho, o sol do final da madrugada iluminou o contraste de um ninho ornítico.

– Mestre?

– Olha, Wolltert – disse-me, apontando para o ninho –, algum drago pegou o bordão, tendo intuídos nidículos. Escuta-me com atenção, amigo meu, pois um estratagema que acabo de engendrar te hei de explanar, de forma que possamos sair deste pântano o mais rápido possível.

– Sou todo ouvidos, Isäsbarch.

– Tua tarefa é a de subir até o topo da árvore e travar um combate singular com o drago, vencendo-o pela espada, uma vez que esta é a forma que os grandes heróis encontraram para domar tais feras. Feito isso, deves subir no lombo da fera, e descer até aqui, tomando-me para junto de ti; desta arte, voaremos de volta a tempo de cumprir com a tarefa que nos foi confiada pelo líder Gummerkeind.

– Mas, mestre?!....

– Não sê tão ingrato, grandíssimo tolo! A parte mais difícil é a que cabe à minha pessoa, já que terei de concentrar minha magia para fazer com que fiques invisível aos olhos do monstro. Além do mais, esta, meu amigo, é tua última missão. Depois disso, serás mestre nas artes da astúcia e da magia.

– Oh, senhor meu! Nem sei como expressar toda a alegria que me invade o imo peito! Nunca me senti tão digno e honrado! Muito obrigado, mestre!

Tomado por tal frenesi tresvairado, numa ânsia de ser mais belo aos olhos do mestre, subi a árvore como uma pantera ensandecida.

Chegando ao topo, logo encontrei o bordão de Ucknatar, trançado em meio aos outros lenhos que protegiam os ovinhos do monstro. Fiquei na beirada do ninho, acenando para o mestre, que se concentrava em gestos e palavras arcanas. Desta forma, fiquei invisível e insuflado por uma força sobre-humana.

Aguardei o momento do retorno do monstro.

Veio num rasante homicida, e trazia um cadáver horrendo com o qual se alimentassem os futuros filhotinhos, já que os ovos davam mostras de racharem-se a qualquer momento.

Bastou um golpe infando de minha lâmina portentosa para que a fera gemesse. Havia sido severamente ferida na asa, o que a impossibilitava de voar. Não obstante, impeliu-se contra mim com toda sua fúria, e esse teria sido meu fim, não tivesse o mestre querido lançado uma pedra mágica que atravessou os miolos do monstro, fazendo-o tombar no lodo do pântano.

Desci vitorioso, carregando em minhas mãos, como um rei empunha um cetro, o artefato ancestral.

– Mestre! Vencemos, nós vencemos, mestre!

– Animal! – berrava ele – Destruíste nosso meio de retorno! Gummerkeind arrancará nosso couro para vestir seu escudo, usará nossos ossos como palitos de dentes, e nossas cabeças como cumbucas desonrosas! Falhaste comigo e com a ordem dos cavaleiros místicos!!!

Banhados pelos primeiros raios da manhã, voltamos para o vau, e, desta vez, nenhum corvo nos interrompeu a conversa.

Capítulo Décimo Segundo

DE MEU RETORNO E RECEPÇÃO GLORIOSA

– Salve, Gummerkeind e demais companheiros meus, ó homens ditosos!, eis que voltamos, como talvez não esperáveis, portando o item de nossa busca. Sabei que os feitos grandiosos por nós realizados são mais dignos de serem contados do que quaisquer outros, e darão glória e fama ao bardo que os poetar, acompanhado da lira melíflua, enquanto

igualmente lordes e reis lhe jogarão cascatas de ouro em recompensa por tais versos. Hacknard, meu bom homem, cá está teu cetro famoso – e com isso dei-lhe o bordão de Ucknatar. Todos quedavam mudos; Isäsbarch resmungava baixinho e olhava o que havia sido feito na defesa; dos demais, apenas Gummerkeind irrompeu o silêncio, dizendo-me que aquele fora um trabalho, de fato, excelente, e algumas outras coisas, as quais prefiro não relatar, cuidando de não me jactar em demasia.

– Ó amigos, o que vejo?! Meu artefato está ainda mais rijo e poderoso do que nunca! Até a cor se lhe mudou um tanto! Imagino que as andanças e desvarios a que o pobre foi submetido apenas serviram para engrandecer-lhe o valor místico. Sou-lhe todo agradecimentos, caro Wolltert!

Deste modo, sendo recebidos calorosamente por nossos amigos, montamos uma pequena fogueira, onde assamos os víveres abatidos por Bo e Torin, e bebendo da água lustral aquecida e misturada algumas ervas de chá, que Isäsbarch se encarregara de sempre consigo trazer.

Nosso desjejum foi, como de usança, acompanhado pela minha lira e voz maviosa, com que cantava os trabalhos diários dos homens e as coisas boas de serem feitas para uma vida honrada. E todas as mãos se esticavam, buscando alcançar as viandas.

Tendo a vontade da fome e da sede saciado, inteiramo-nos dos sucessos de cada qual durante aquelas últimas horas. E assim tomei consciência de alguns dos feitos já narrados, além de outros, sobre os quais não me parece muito digno discorrer. Portanto, amigos leitores, sapei que dou-vos apenas o melhor dos acontecimentos, legando o restante, como as sobras de um banquete, às brumas do oblévio.

Todavia, deixando de lado tais pormenores narrativos, voltemos ao que realmente nos interessa.

Depois dos últimos acontecimentos entre mim e Isäsbarch, passei a evitar-lhe a companhia, considerando-a pouco digna de qualquer louvor, e, aproveitando da recém-obtida consideração por parte de Hacknard, nosso sempre-atento vigia, dei início a uma afortunada amizade com meu antigo companheiro. Sendo assim, pedi permissão para trabalhar na vigília ao nosso líder, o pastor de homens, Gummerkeind, o qual não se deu a aquiescer antes de alguma hesitação, alegando que minha música acabaria atrapalhando o bom guarda. Sob o argumento de que lhe tocaria a lira tão-somente durante o simpósio,

comecei a dividir a companhia de Hacknard em cima da árvore mais frondosa daquele mesmo vau onde mais tarde lutaríamos tão heroicamente.

Capítulo Décimo Terceiro

EM QUE FOI GRAFADA A CRUELDADE DOS INIMIGOS DE NOSSOS HERÓIS

– Ensina-me, Hacknard: como fazes para manter-te sempre tão desperto? Que magia te encanta o semblante guerreiro e os olhos, aguçando-te os sentidos de forma a apreenderes a menor mudança de estado nas coisas que te cercam?

– Magia? Hmm. Ah, sim! O que deves fazer, caro Wolltert, é um pouco beber deste fármaco benéfico que alegra os homens, independente de suas condições. Toma-o – e, dizendo isso, passou-me o jarro.

Analisei o conteúdo, replicando-lhe, assustado, em seguida – Céus! Mas este não é o néctar que aquele afamado ancião mostrou às gentes?

– Desconheço o velho, entretanto, abonança o imo peito, e tranqüilo bebe, que o dia ainda é longo e a noite, por ora, nem se conhece. Bebe, que sem o que tu chamas de magia, e que de fato é poderosa, não hemos de sobreviver a esta vigília.

Entornei no canecão uma bela quantidade do líquido rubro, e senti a alma se aquecer e amansar-se ao primeiro gole tomado do fármaco jocoso.

E fomos tarde adentro, fortalecidos pelo efeito da magia, observando e ouvindo tudo que ao nosso redor existia. Devo dizer-vos que fiquei um tanto perplexo por ver que Hacknard possuía dons de tal valor, além do item de Ucknatar, do qual não vos preciso dar qualquer outra explanação, tamanha é sua fama.

Foi durante este tempo que Hacknard me narrou os sucessos de seu sonho tenebroso. Senti-o bastante incomodado com o tal relato, e mesmo pensei ter-lhe notado uma sombra de preocupação.

Entanto, logo nos esquecemos de tais infortúnios, e disse-lhe que se não incomodasse com aquilo, e, principalmente, que não contasse aos demais sócios coisa tão ruim de se ouvir, pois mais vale usar o tempo dos conselhos para canções que aos heróis dão glória inefável, e aos bardos o carinho e patrocínio dos demais.

Aproveitando a conversa sobre os âmbitos do simpósio, cantei-lhe, desacompanhado da lira, as rugas e as sabedorias iâmbicas que a nós foram legadas por outros vigias e soldados esclarecidos; sempre muito bem munidos do fármaco de Hacknard.

– Hacknard! – bradei, dando-lhe um cutucão no antebraço, e apontando com a outra mão para o final do galho onde estávamos trepados – Estás vendo os pequeninos seres etéreos, entre as flores, sibilando pelo ar? São policromos e cintilantes como fogo-fátuo! Tu os vês também, meu guia?!

– Não sejas tolo, Wolltert! São plantas carnívoras, terríveis e sanguinárias, que preparam suas emanções de néctar alucinógeno e sedutor! Se eu não estivesse ruim da minha perna esquerda, dar-lhes-ia um fim inglório, cortando-as deste ramo. Mas, hélas, não posso fazer nada e teremos de ser mortos por vegetais! Oh, dor insana! Pobre de minha mãe que me pariu para que eu morresse de tal forma! Melhor, sim, melhor teria sido se, quando de seu ventre eu despencara, ela me houvesse esmagado entre os joelhos, furtando-me do sopro de vida que em mim ainda existia!...

Assombrado pelas falações de meu companheiro, senti-me na obrigação de dar morte às plantas assassinas. Saquei da espada.

Enquanto eu caía da árvore, fiquei pensando em tudo que me acontecera nos últimos dias. Desde estes momentos derradeiros, em que a magia dos seres etéreos, malgrado minhas estocadas, fizera rachar-se o tronco da árvore, até os mais antigos no tempo.

E aquela tarde, para mim, terminou com um baque surdo.

Capítulo Décimo Quarto

DE COMO NOSSOS HERÓIS VENCERAM O DEMO DA NOITE

Quando meu amigo saiu de seu torpor, viu-se encerrado pela escuridão da Noite. Ao seu lado, lá estava eu, Wolltert, que acordara a poucos instantes, e, felizmente, já sob o mágico efeito daquele fármaco bendito.

– Estás bem, jovem Wolltert?

– Acredito que sim, meu amigo – disse-lhe, forçosamente –, talvez moído pela queda, mas bem.

– O mesmo... comigo... – enquanto meu companheiro, lentamente, balbuciava estas palavras, seus olhos se iam arregalando, estupefatos. Tomei à vista a mesma direção que miravam, e descobri a razão de tamanha surpresa: à nossa frente, distando cerca de duzentos passos, na antiga queda-d’água onde meus sócios haviam caçado os víveres, e que agora assumira tons de platina e opala sob a luz da lua, pude avistar um monstro de aspecto tenebroso, todo ele feito de sombra e horror, suspenso à meia luz, e pareceu-me que já contava um punhado de vítimas indefesas, ao seu redor tombadas.

– Hacknard, meu bom homem, não fiques assim, apenas olhando! Urge que façamos alguma coisa em prol daqueles que pereceram aos pés de tamanho mal! Vamos, meu amigo, saca de teu bordão, que juntos hemos de dar morte ao íncubo demônio!

– Ah, meu jovem, não estou vendo monstro algum ali. Apenas estava admirando a cascata. Vamos, deixa disso; mesmo que haja alguma fera ali, estamos muito bem seguros aqui, entendes? Aqui, perto do acampamento e dos companheiros fortes e heróicos. Anda, toma mais um gole deste mágico elixir, que já me parece que teus olhos não te dão o devido testemunho ao peito bem-intencionado.

– Paraste para pensar, acaso, que esta pode ser uma criatura igualmente mágica; mágica a ponto de vir-te roubar o fármaco?

– Bobagem!

– Checa, então, teu frasco.

Enquanto chacoalhava o frasco, já bem defasado em seu conteúdo, vi seu rosto se contorcer em um misto de pânico e ira – Muito bem, jovem Wolltert, tens minha arma! – e sacou do bordão, pronto para dar combate a qualquer monstro que se nos deparasse.

Assenti, meneando a cabeça, e ambos partimos céleres através das tenebras da Noite. Percorremos o espaço de duzentos pés, girando nossas armas e gritando desafios. Desta arte, alcançamos a cachoeira, distribuindo estocadas e bordoadas; minha espada por três vezes rasgou sua carne em golpes recebidos duramente, e, quando vimos nosso inimigo reduzido ao mesmo status que têm os troncos mortos de árvores, apodrecendo à sombra do mundo, urramos vitoriosos.

E caímos no chão, exaustos.

Por algum milagre, os companheiros ditosos não foram perturbados de seu sono; tanto melhor, pois não tivemos de dividir com eles a glória de nossos feitos, nem o butim que logo mais encontramos.

Ah, sim! Havia um butim ímpar naquele cadáver, meus bons leitores; além do pó para feitiços, que extraímos do corpo do monstro após dá-lo às chamas, eu e meu guia encontramos uma pedra incrustada com uma gema de altíssimo valor. Com um pequeno martelo e uma estaca, removemo-la do minério. Nosso trabalho resultou em dois belos cristais glaucos, os quais, cada qual com o seu, amarramos em pequenos cordões, usando-os como colares.

Capítulo Décimo Quinto

DOS ENSINAMENTOS E ARDIS DE WOLLTERT

– Estes serão os colares mais belos de todo o mundo, até que deixem de os serem – disse-lhe, ensinando-o as filosofias que eu havia aprendido a duras penas. – Não achas, meu bom guia?

– Eu acho – disse-me Hacknard, coçando o queixo enquanto falava – que são dois pedregulhos cheios de líquen, mas se queres chamá-los de gemas, não serei eu quem te há de dizer o contrário, jovem Wolltert.

– Tens ainda, nessa tua mente, um terreno mui agreste, extremamente impróprio para o cultivo das coisas virtuosas, tal qual a sabedoria dos sábios de antigamente. Se o oposto imperasse, tu logo perceberias que há mais valor e beleza nestas gemas do que em quaisquer outras do mundo. Teus olhos estão embotados pela ignorância das coisas belas, e, por conseguinte, boas.

– E o que se faz com essas coisas belas e boas, bardo?

– Muito simples: vê-se o mundo de forma mais vívida, intensa; tem-se o sublime até nas coisas mais corriqueiras.

– Ah – disse-me, bonachão –, mas para que nós precisamos disso, Wolltert?! Tomando tu mais um gole desta bebida ancestral, irás (garanto!) ver tudo de forma mais intensa!

– Bem – confessei –, por experiência própria, sou obrigado a dar-te razão, meu bom norteador. Todavia, se juntasses as duas coisas, ah!, verias como ainda mais arrebatadoras as idéias se fariam!

Com tais dulcilóquios, íamos nós dois voltando para nosso posto, escolhendo um novo galho – desta vez mais baixo – para montarmos guarda. O dia já se irrompia ao longe, derramando seu néctar diáfano, auribrilhante, sobre os montes ocidentais. E nós derramávamos o fármaco goela abaixo; sempre atentos.

Quando já nos havíamos dados por perdidamente entediados, tivemos uma grata surpresa, pois eis que vimos, no chão abaixo de nós, um lobo ardiloso silenciosamente esgueirando-se em direção ao acampamento de nossos sócios diletos. Mais que rápido, logo arquitetei um plano honroso, para darmos fim ao monstro.

– Verás agora, caro Hacknard, como uma gema mágica pode ser imensamente poderosa – dizendo isso, peguei a gema, envolvi em um punhado de cadáver animal próprio para feitiços, um pouco do pó conquistado na pira do Demo da Noite, e lancei isso tudo para perto do bicho.

Um bote e uma abocanhada; e a pedra mágica soltou seus poderes ígneos, quebrando oito dentes do monstro e deixando um pela metade. O infeliz fugiu floresta adentro, choramingando seu infortúnio.

Descemos e, com grande alegria, vimos os grandes dentes caídos por terra. Rimos muito de sua estupidez, e comemoramos, cantarolando alguns versos agudos. Rimos mais um pouco e bebemos outro tanto da poção, pois ela nos tornava invencíveis.

– Vês como a magia, provinda da sabedoria ancestral, é forte e poderosa?

– Pois que tens razão, meu amigo! Até meu bordão parece fraco, ele que é magicíssimo, perto de tais poderes!

E íamos amanhecendo.

Capítulo Décimo Sexto

EM QUE SE NARRAM OUTRAS INJUSTIÇAS DE ISÄSBARCH

Desfiz-me daquelas presas horrendas, crendo que não podiam ser qualquer bom presságio. Enquanto a Noite mais uma vez fugia ao Oriente, destronada pelo periastro, eu e Hacknard decidimos que já era tempo de acordar os companheiros diletos e preparar, em seguida, nosso desjejum.

Estavam deitados ao redor da fogueira que os mantivera aquecidos noite adentro, cobertos por algumas peles, e com as cabeças acomodadas em pequenas trouxas de roupa. Cantei-lhes um encômio, para que acordassem já se lembrando dos feitos que outrora realizaram, sentindo reanimados os corações em seus peitos.

Todos se levantaram felizes e bem-dispostos para mais um dia de trabalho. Tendo colocado as viandas no fogo e a cerveja nas canecas, demos início às conversas e discussões acerca dos novos deveres de cada um.

– Esta noite – disse Isäsbarch –, enquanto vós estáveis deitados, gozando do agradável sono, senti-me fortemente ameaçado, pois que acordei ouvindo galhos se quebrarem sob passadas de algum animal de tamanho sobre-humano. Forçando os poderes da vista, vi ao longe o vulto de um urso que carregava algo na mandíbula assassina. Decidi que o melhor a ser feito era avisar os nossos bons vigias, mas os encontrei dormindo ao pé de uma árvore, roncando feito porcos. Assim sendo, voltei ao meu lugar e ao sono ditoso.

– Viste-nos, ó desalmado – eu lhe disse –, no triste estado em que ficamos após darmos com armas contra alguns seres das profundezas, crias dos infernos. Viste-nos, desta triste maneira, e nem te deste ao trabalho de ajudar-nos caso estivéssemos em necessidade?! Pois que certamente estávamos lesados e exauridos de nossas forças vitais, e deveríamos parecer um triste quadro para quem nos avistasse caídos em meio a galhos quebrados e folhas! Ademais, sabeis que, tendo levantado e recomposto-nos da queda, contendemos contra lobos e um Demo da Noite, criatura horrenda e flagelo dos homens, dando-lhe morte a fio de espada e aniquilação em uma pira, da qual extraímos seu pó que, como deves entender, néscio, servir-nos-á, a mim e a meu guia, para muitos feitiços de poder indizível!

– Basta! – interrompeu, irado, o pastor de homens, Gummerkeind – Já me cansastes com vossos circunlóquios sáfaros. A ti, Wolltert, parabênizo pelo combate com o tal Demo, mas devo repreender-te, uma vez que deixaste um urso passar despercebido por nosso acampamento! Por sorte, a criatura não nos levou a vida querida, mas, segundo Isäs, levou alguma coisa. Portanto, checai, vós todos, vossos víveres e equipamentos de guerra; se algo

estiver faltando, não me faças dizer uma palavra, Wolltert; sabes já o que terás de fazer. Quanto a ti, Isäsbarch, teu castigo por não nos ter acordado, nem acudido os pobres homens, é fazer a vigília nas próximas duas luas; desta arte, aprenderás mais sobre o ofício e tudo que lhe é pertinente. Por ora, olhai vossas mochilas.

Assim falou, assim obedecemos.

Não nos levou muito tempo, e logo todos se queixavam de bebida faltando-lhes nos cantis ou viandas nas despensas.

– Estamos perdidos – disse Isäsbarch, e todos pararam de reclamar de suas guloseimas. Estava imoto e cabisbaixo. – Algo, alguma coisa, ou alguém, roubou-me meu grande osso de urso! Meu osso, com o qual fazia os feitiços de proteção, para que nossos imigos, quando estivermos na parede de escudos, nos temessem com tamanha força que prefeririam matar seu próprios líderes a nos enfrentar.

– Tens certeza disso? – disse Gummerkeind, com algum desprezo.

– Absoluta – grunhiu o velho.

– Wolltert, podes ir, e leva teu amigo coxo contigo. E tu, mago, vai montar guarda, e se me apareceres com mais alguma outra cisma, juro que ta devolvo a punhaladas!

Completamente incauto, olhei para meu companheiro, que dava mostras de um furor desmedido. Fui-me até ele, e, com palavras dóceis, tentei acalmar sua ira. Disse-lhe o quão bom seria não termos de fazer vigia noite adentro, e que não havia de ser tão mal lutar contra um urso, e tomar-lhe, como despojos de guerra, um de seus ossos.

Tendo-lhe devolvido a calma ao imo peito, juntamos nossos equipamentos de guerra e os víveres necessários. Era hora de mais um périplo, mas tinha certeza de que não seria de tudo infecundo.

Capítulo Décimo Sétimo

DE COMO NOSSOS HERÓIS ENCONTRARAM O MAIS SÁBIO HOMEM VIVENTE, E COMO ESTE OS GUIOU À CAVERNA DO URSO

– Ouviste, assim como eu, o relato contado por Bo e Torin, no qual ambos haviam contendido contra uma dessas feras de pêlos inúmeros. Há, creio eu, uma grande chance de

o urso da história de Isäsbarch ser o mesmo que o último. Sendo assim, caro amigo, teremos de fazer-nos mais fortes do que nunca para tal labuta.

Estávamos nós dois em tais preparativos, e, antes que meu companheiro Hacknard me pudesse replicar o conselho que lhe dei, nosso líder, Gumnerkeind, interrompeu-nos o diálogo, pois o imo peito lhe instava que nos incumbisse com outras tarefas vitais ao andamento de nossa campanha. Chegando-se a nós com seu ar soberano, disse-nos as seguintes palavras aladas:

– Uma vez que tendes de deixar nosso acampamento, creio sábio fazerdes mais algumas coisas. Não preocupais, entretanto, vossos bons corações; hei de apenas pedir-vos simplezas. Pois bem, esta manhã, ouvindo Isäs reclamar de seu osso infeliz, passei a imaginar outras coisas que poderiam vir a ser necessárias em nossa campanha, e decidi que não nos faltava nada para a guerra; portanto, amigos, saciai-me a vontade de comer algumas frutinhas silvestres. Caso morramos, que seja com seu gosto de brisa outonal entre os dentes.

– Claro, senhor – disse-lhe –. Desejas algo mais?

– Hmm. Ah, sim. Se as encontrardes bem frescas, colhei-me também algumas pétalas da manhã, para que eu masque enquanto empilho lenhos para a defesa.

Atônitos com a franqueza de nosso líder, fomo-nos na direção em que Isäsbarch nos havia apontado de manhã enquanto descrevia sua visão.

Encontramos uma pequena trilha, aparentemente bastante usada. E de certo não fora por nós. Seguimo-la, serpenteando os montes rochosos que nos separavam do imigo infando, o qual, em poucos dias, nos daria guerra e combates incríveis. Caminhando mais um pouco, alcançamos uma clareira, onde descansava um velho cego. Aproximei-me-lhe, saudando-o entrementes:

– Salve, ancião venerando! Somos dois guerreiros, um tanto perdidos, que buscam um urso negro. Dizei-nos, se assim o desejardes, quem sois e de onde vindes.

– Quem eu sou – disse-nos sem mover-se da pedra onde estava sentado –, meus jovens, para que vos interessaria? O que importa um nome, um indivíduo, frente à imensidão do ciclo da vida? As gerações dos homens são como folhas nas copas das árvores; nascem e dali a pouco já não vivem mais sendo as mesmas, entanto, há de sempre

nascерem outras, perpetuando sua imagem. Nossas identidade, amigos, são o todo. De onde vim menos ainda interessa, e, mesmo que o fizesse, não vos saberia dizer, pois sou cego.

– Vejo – disse eu – que conheceis a sabedoria dos antigos bardos. Sois, de certo, algum bom espírito que vagueia na floresta, tencionando apenas ajudar os pobres homens, como nós, que se perdem. Dizei-nos, então, onde podemos encontrar o urso que procuramos, meu bom senhor.

– Ah, sim. Ele faz sua morada na caverna atrás de mim. Parece-me que o gigante não se importa com carne humana; para ser sincero, até se me aproximou noutro dia. Tenho para mim que buscava companhia, pois que me deixou fazer-lhe carinho na cabeçorra.

– Tanto melhor – disse Hacknard – que tens amizade com o monstro; podes nos ajudar, buscando lá dentro algum osso que se assemelhe a de um urso.

Dei-lhe um bofetão na cabeça por tal comentário desrespeitoso.

– Perdoai-me o amigo, caro senhor; ele não sabe o que fala.

– Pois que sei mui bem! – bradou Hacknard – Não vou contender contra um urso, sendo que o velhaco pode buscar um osso lá dentro sem se machucar!

E outro tabefe lhe dei.

– Ah! Parei com vossas rugas, jovens tolos! – disse-nos o ancião. – Ides vós próprios lá dentro; confiai-me nas palavras sábias: este urso é mui manso e amigo.

– Se o dizeis com tanta convicção, nobre senhor, é porque tendes razão. Faremo-lo agora mesmo.

– Isso! Isso!... – disse o velho.

– Argh! – dizia Hacknard enquanto nos afastávamos do velho – Ele nos quer levar à morte, Wolltert! Não vês, ignorante?! Quer que morramos para satisfazer os desejos sangüíneos da Terra, promovendo-lhe mais tempo de vida!

Dando-lhe outros sopapos, fomos em direção à caverna.

Capítulo Décimo Oitavo

QUE RELATA O RESGATE DO REAGENTE DE ISÄSBARCH, E OS MAIORES ENGENHOS DE COMBATE DE QUE SE TEM NOTÍCIA

– Vai tu à frente – disse-me Hacknard, ofertando-me a tocha com que iluminava os primeiros metros de negrume, escondidos além da entrada –; sabes que estou manco e, em caso de perigo, sou mais válido à retaguarda.

– Um momento – respondi-lhe –; esta caverna é pequena demais para dois andarem lado-a-lado. Ou seja, tendo nós dois a necessidade da fuga, acabaremos ambos mortos, pois estarás mancando à minha frente, enquanto sou dilacerado por garras e dentes. Ah, não! Não me parece nada boa tua idéia, meu guia infeliz. Primeiro de tudo, dá-me um pouco desse teu fármaco, e toma tu também um pouco dele; assim seremos tão fortes quanto qualquer urso.

Entregou-me o canecão, que entornei num só gole; fazendo ele o mesmo em seguida.

– Muito bem, meu amigo – disse-lhe –, agora, adentremos a caverna.

– Certo.

Continuamos parados por mais um tempo.

– O que houve desta vez? – perguntei-lhe.

– Mas nós ainda não decidimos quem vai à frente! – respondeu-me irritado.

– Pois que eu cri que o fármaco te daria as forças necessárias para fazê-lo!

– Pois que certamente o deu; a mente me insta contender, mas o imo peito me diz que há de haver algum outro meio.

– Que outro meio? – disse-lhe, incrédulo.

– Ao invés de entrarmos, façamos o urso sair!

– Eis um bom plano, caro amigo, e novidade em todas as gestas heróicas! Tratemos, então, de achar um meio pelo qual atrair a fera ao lado de fora.

O Sol já se encontrava no topo do mundo, e os estômagos nossos, em suas vacuidades, reclamavam algumas pingues coxas e o gosto de uma bela cerveja escura, nutriz de guerreiros. O velho continuava sentado em sua pedra.

– O fármaco! – gritei, iluminado por idéias grandiosas.

– Ahn? – disse meu amigo não muito entendido em ardis.

Tomei-lhe o jarro contendo o fármaco melífluo, e entornei parte deste na entrada da caverna. Em seguida, despi-me da pele de lobo que me cobria espáduas e lombo, e, fazendo

sinal para que Hacknard me imitasse, com ela abanei o sabor diáfano daquele néctar para dentro da toca.

Continuamos nesse trabalho durante algum tempo, e, quando meu amigo já dava mostras de desesperança, um som abafado de patas esmagando miudezas denunciou a iminência do perigo.

Largamos os mantos e sacamos das armas. Sentia o coração tentando fugir-me do imo peito, mas mantive-me firme. Hacknard, com olhos fechados, parecia balbuciar alguma prece.

O urso se aproximou lentamente, distenso e bonançoso. Olhou o fármaco jogado ao chão, e em seguida para nós.

Fiquei entreolhando-me com a fera durante um longo tempo. O mundo pareceu, durante então, imoto e mórbido. Só havia eu e aquele monte de pêlo e terror.

– Que diabos estás fazendo? – murmurou-me Hacknard, removendo-me daquele estado de embevecimento.

– Como assim o que estou fazendo?! Não vês que estou me comunicando o animal?! Jamais viste coisa semelha, néscio?!

– Já vi, sim, gente pávida e perplexa, sem saber à frente ir nem ao mar fugir – choramingou.

– Pois que te provarei não só que entrei em contato com o urso, como também adquiri permissão para adentrar-lhe a caverna e colher-me o que bem me entender.

– Tanto melhor, meu jovem. Sendo assim, vou salvar o pobre velho, e encontro-te mais tarde.

Tendo deixado-me naquele estado, restei só com o animal me acarando.

Mas em minha conversa eu havia entendido que o urso se ofendera com o jogar do néctar ao chão, uma vez que, sendo civilizado como era, não bebia em meio à sujeira. Desta arte, tendo enchido-lhe um canecão e colocado-o um passo à frente de mim, esperei.

A fera primeiro bebericou, como que sentindo do que se tratava, passando, depois, a largas lambidas, e terminou com a dose em tempo honorável até se em contraste com a velocidade que se vê nos maiores certames do assunto. Dei-lhe outra bela quantidade na caneca, e, tendo bebido-a, encostou-se num canto, sob o efeito encantatório da bebida.

Com passos de garça, adentrei a caverna, certificando-me da aprovação do monstro. Parecia mui aprovado, mas deixei outra canecada, sanando-me as dúvidas.

Para meu deslumbramento, o lugar não era de todo mal; havia, sim, umas pilhas de ossos cobrindo todo o chão, mas o odor não chegava a ofender-me as narinas.

Assim, vasculhei o chão, e, não levando muito, tomei um grande osso, que entendi ser de urso, deixando a caverna em seguida.

Despedi-me do grande animal, mas não sem lhe deixar mais uma dose como paga pelo serviço.

Chamei Hacknard, que parecia estar ninando o bom velhinho, pois o último estava deitado, quietinho, sobre um monte de folhas.

E foi assim, com grande astúcia e engenho, que enfrentamos o maior dos animais daquela floresta, saindo ilesos e vitoriosos.

Capítulo Décimo Nono

DA VILEZA DE HACKNARD

– Wolltert, meu caro, este, com efeito, foi o pai de todos os ardis, o mais façanhoso estratagema já criado, e, certamente, motivo para inúmeras de tuas canções! Juro-te que, em toda minha vida de subterfúgios, jamais vi algo parecido! És, realmente, um herói invencível e impiedoso na arte da luta!

– O mesmo se pode dizer de ti, grande Hacknard, pois que salvaste o pobre velho da destruição, e a ti mesmo de qualquer morte inglória! Bebamos mais desse fármaco que tem nos acompanhado honradamente em nossas peripécias!

Nesses moldes, íamos trilhando o caminho de volta, felizes e satisfeitos. Entonavamos outras canções que eu ia improvisando, nas quais fazia questão de louvar os efeitos daquele líquido milagroso.

Tendo alcançado o trecho o qual, a nosso parecer, semelhava-se com a metade da andança de volta ao acampamento onde nossos amigos deviam estar a nos pedir um bom retorno, achamos por bem embrenharmo-nos por aqueles lados, que pareciam mais

verdejantes e frutíferos que quaisquer outros, no intento de colher a nosso venerando líder, o pastor de homens Gummerkeind, algumas frutas silvestres e pétalas da manhã.

Numa trilha de pequenos arbustos dourados, encontramos as frutinhas, de rubor grácil, e macias ao toque. Colhemo-las com esmero, reservando-as em um saquinho de couro com amarras em barbante.

O segundo item de nossa busca não nos apareceu com a mesma facilidade; tivemos de nos embrenhar ainda mais, subindo a um pequeno platô, o qual, à primeira vista, não nos pareceu nutriz de bem algum. Entanto, conforme desbravávamos aquela terra ingrata, fustigada por neve e chuva, encontramos um pequeno alagadiço, que se formava, turvo e esverdeado, à sombra de um carvalho escomunal.

– Estás vendo o mesmo que eu, Hacknard, guia meu? – perguntei-lhe admirado.

– Pois que sim! – respondeu-me – No meio do lodo, o maior lagarto do mundo, parado e sinistro, nos observa, taciturno. Há de ser-me um ótimo petisco, ah!, perfeito para deliciar-me nas horas de vigília!

– Um pouco acima do lagarto, meu amigo, há um buraco na árvore, no qual posso vislumbrar alguns verdes debruçarem-se ao vento do norte, o Bóreas natento. Urge que nos aproximemos mais, meu caro.

– Concordo, jovem amigo, enquanto vais ver o mato, vou me entreter caçando esse lagartinho apetitoso!

Deixei meu companheiro fazer seu serviço, e fui tentando meu caminho do lodaçal através.

Confirmando minha suspeita, achei as pétalas da manhã dentro do tronco, lugar onde estas ervas redolentes soem crescer. Tomei-as, cuidadosamente, entre as mãos, e seu odor de mato fresco por orvalho me impregnou os dedos. Encontrei, no mesmo lugar, um grande cogumelo azul, o qual tinha certeza de ser propício para dores e machucados. Levei-o também, visando presenteá-lo àquele que era o melhor dentre nós.

Um som de baque na água me tirou a concentração que empenhava em tal tarefa. Hacknard devia ter se arremetido contra o lagarto, e agora aparentava haver se arrependido de tê-lo feito, pois o bicho se demonstrava ferocíssimo, e, com a cauda ornada de espinhos, perseguia meu amigo, agora caído no lodo.

Bastou um golpe de minha espada para acabar com tal cena risível. Aberto em dois, o pobre réptil jazia na lama.

– O que fizeste, ó bronco?! – bradou Hacknard – Agora a carne do lagarto está arruinada! Como hei de comer tal bicho coberto de lama?! Não posso acreditar!

– O que fiz, ingrato, foi salvar-te a alma desvalida, e, por tê-lo feito, devias, ao mínimo, me agradecer com palavras afáveis. Mas, não, só me tens, como de costume, imprecações e baixeiras a dizer, ignara criatura!

Tomei-lhe o bordão de Ucknatar, com o qual agora se lançara contra mim, dando gritos de guerra, e quebrei-o na cabeça infame.

– Que isso te sirva para aprender a tratar corretamente aqueles que são melhores do que tu.

Então, completamente calados, retornamos ao novo lar.

Capítulo Vigésimo

EM QUE SE NARRAM OS HUMORES DE GUMNERKEIND

Nobilíssimos leitores meus, vez e outra vós me vedes em estados tão dignos de compaixão, que já vos imagino chorosos sobre as páginas de meu livro. Não obstante, é preciso que sempre vislumbreis o Sol, mesmo o sendo num mui tênue fio de luz, escapando por entre nuvens bravias e encrespadas.

E foi assim, meus caros, que – de maneira semelha à árvore que, tendo no inverno penado horrores e visto-se despida de sua beleza verdejante, à chegada da primavera, novas forças adquire, e pulcritude ainda maior ostenta – retornei eu, vosso bardo e cronista desta história sem par, mais uma vez para junto de meus sócios diletos.

Do dia nos restava apenas um vestígio cor-de-rosa a contornar as nuvens, quando finalmente alcançamos nosso acampamento.

Nosso líder e seus dois sequazes já se haviam sustido do trabalho na defesa, e agora se encontravam sentados, tendo como encosto para as costas um pequeno rochedo. Estavam um tanto ofegantes, pois, certamente, deviam haver começado seu descanso a pouco tempo.

Os dois amigos que soíam caçar os víveres necessários preparavam um caldo de miúdos com algumas ervas de tempero. Conforme descíamos a grande rocha, sentíamos aquele ar rescendente, e nossos ventres, aos suspiros que íamos dando, nos respondiam com um estridor horríssonos.

Por último, avistamos Isäsbarch, o qual se encontrava empoleirado numa árvore, e demonstrava visos de grande desconforto.

Terminamos nossa descida, e, com grande felicitações, fomos recebidos por nossos amigos.

– Vejo que voltais de vosso passeio matinal – disse-nos, em tom amargo, Isäsbarch.
– Espero que, para vosso próprio bem-estar, tenhais reavido meu reagente mágico, pois, de outra forma, ver-me-ei obrigado a puni-los severamente.

– Cala-te! – bradou o pastor de homens – Mesmo sendo sábio e poderoso no tocante às artes arcanas, não tentes tomar-me a tarefa de liderar os homens, e sobre eles dividir os bens e as penas. Mantenha-te no que te cabe, feiticeiro, e todos estaremos bem. Se, entretanto, deres-te a fazer o trabalho de quem é melhor do que tu, pagarás o agravo com teu próprio couro.

Falou, e logo estarrecidos nos encontramos, pois seus olhos recônditos ostentavam uma cólera tão descomunal, que pareciam chispar línguas de fogo.

– Não penses que, sendo líder, podes fazer e desfazer como bem entendes, Gummerkeind. Respeita aquele que, mais do que tu, é velho e sábio. Ademais, sabes que não se podem enfrentar exércitos sem a benção da magia ancestral.

– Jamais neguei tua função, ó desgraçado! Agora, vá para tua vigia, antes que do imo peito eu não mais consiga refrear a vontade de arrancar-te as cãs de que tanto te ufanas!

O velho voltou para seu posto, deixando-nos com nossa alegria por busca e retorno bem-sucedidos.

– Ó chefe de homens, Gummerkeind – disse-lhe –, trago comigo os itens requestados: o branco osso de um urso titânico; um punhado de frutas silvestres, rubras e suculentas, de arbustos dourados recolhidas; três ramos de pétalas da manhã, cujo trescalo poderia pôr a sonhar até mesmo o mais bruto dos seres; e este cogumelo de opala, com o qual dores e ferimentos se podem curar em pouquíssimo tempo, segundo ensinamento das

forças da natureza. Dou-te o último como benesse, por seres tu o melhor dentre os sócios bem-aventurados.

– Caro Wolltert – disse-me, tomando-me os pertences –, confesso-te estar muito satisfeito e impressionado com teus atos honrados; hoje, ganhaste algum brilho perante meus olhos. Parece que começo a ver em ti algum valor, afinal. Não me decepciones, bardo, e mantenha-te no bom caminho que começaste a trilhar. Agora, diz-me: o que fez, durante o tempo em que vos ausentastes, o vigia coxo, Hacknard?

– Tentei, Gummerkeind – interrompeu Hacknard –, caçar-nos um bellissimo lagarto, o maior que já vi, mas este tolo arruinou a empresa, aniquilando a fera em meio à lama.

– Isso é verdade, Wolltert? – perguntou-me o líder.

– Sim, senhor meu – respondi-lhe, incauto.

– De qualquer forma – disse ele a Hacknard –, vai fazer companhia àquele outro, pois juntos fareis a vigília durante um bom tempo. Quanto a ti, Wolltert, pela manhã poderás ajudar Bo e Torin em suas tarefas, uma vez que estes precisam caçar-nos víveres de belo aspecto, com que nos alimentaremos por mais alguns dias. Por ora, amigos, vamos comer, beber, e descansar os corpos quebrantados. Sinto que o imigo já nos está próximo, havendo poucos dias de viagem entre nós.

Assim ele disse, portando nas mãos o cetro de Posêidon, assim fizemo-lo.

Capítulo Vigésimo Primeiro

DE MINHA INICIAÇÃO NA CAÇA

– Tu vês, Wolltert – dizia-me Bo, sempre em gesto grácil –: ao nosso redor há um número infindo de criaturas, cujos corpos, quando o último sopro de vida os deixar, nos serão alimentos propícios.

– Malgrado que alguns – completou Torin –, ao invés desse sopro, demonstrem possuir desmedida borrasca. Por isso, a favor sempre sou de colhermos do mel de aurífero aspecto, e ervas diversas com que hemos de obrar as mais doces bebidas, deleite das horas conjuntas. Mais vale da força mui grande possuirmos, e dela fazermos usar-se apenas se já

inevitável nos for, pois sempre que em lutas o corpo se dá, com a morte se faz desditoso convívio.

A quem visse por primeiro tal dupla, talvez lha parecesse risível e pouco digna de qualquer consideração. Todavia, enquanto caminhava junto daqueles dois opostos, ambos me pareciam passíveis de muita admiração; uma vez que um, sendo delgado e pequeno, ostentava a maior coragem e belicosidade já vistas, e o outro, colossal, sabia distribuir violência sem gratuidade, e discursar com sabor e eloquência.

– Não dê ouvidos a Torin – aconselhava-me Bo –; sem dúvida que é o melhor homem a habitar essa terra malfadada, mas falta-lhe algo, chamemos de bom gosto, para fazer suas escolhas *da vida pelo caminho*.

– Do arco iracundo, ó Bo, que palavras do encerro da boca soltaste? – perguntou o gigante – Convém que o falar tu moderes, a fim de maneres amigo quem sempre te ajuda sem nada pedir-te em retorno.

Bo deu um meio-sorriso, como que aceitando as palavras do outro, e encerrando de vez o assunto.

– Mas digam-me, amigos – perguntei-lhes – o que deverei eu fazer para tornar-me um caçador de valor, tal qual sois vós ambos.

– Ter paciência – disse-me Torin. E pressenti que aqueles dias seriam mais compridos do que imaginara. – É preciso saber esperar a hora certa, mesmo tendo visto o inimigo incôscio de teu ardil, para massacrá-lo rápida e peremptoriamente – finalizou Bo.

– Lembrar-me-ei do que me dissestes, amigos – disse-lhes.

Conversando de tal maneira, fomos nos distanciando, ao despertar da floresta, de nosso acampamento, onde deixávamos os companheiros construindo os últimos metros da portentosa defesa, a qual nos daria maior tempo para cumprirmos nosso papel de guerreiros, até que nossas vidas se esvaíssem em cortes profundos.

Chegando ao local da caçada anterior, narrada a mim por Torin há algum tempo atrás, encontramos uma pequena canoa, aparentemente abandonada. Agradecemos nossa boa sorte, e, confiantes no plano de Bo, tomamo-la como meio para nosso trabalho. Torin insistia que olhássemos para os peixes.

Tudo parecia bem; íamos remando rio abaixo, admirando a natureza de um amarelo enrubescido, que contrastava com alguns pontos de neve em cima dos montes, e o céu

plúmbeo, por onde a luz do Sol escapava, triunfante, em pequenos feixes; espetáculo assombroso. Eu ia cantando, uma vez que Torin sempre me insistia que o fizesse, por ser ele um ouvinte entusiasta das canções heróicas.

Capítulo Vigésimo Segundo

DO INÍCIO DA MAIS FECUNDA VIAGEM JAMAIS EMPREENDIDA

E nosso pequeno barco ia cortando as águas plácidas e cintilantes daquele rio enquanto descíamos a correnteza, acordando o dia. Sempre entoando gestas de varões portentosos, cujos valores guerreiros não mais insuflavam os peitos dos homens de meu tempo. A paisagem, lentamente, mudava para tons mais secos; as copas das árvores, agora, pareciam murchas e acastanhadas; e o chão, coberto de folhas mortas e cogumelos da altura de arbustos, dava mostras de um outono perpétuo.

– Amigos meus, podeis dizer-me, exatamente, o objeto desta nossa busca? – disse-lhes ao terminar o último canto de minha gesta.

– Podemos, caro Wolltert – respondeu-me Torin –, veja bem: uma vez que Bo ignora os peixes abaixo de nós, mesmo sendo eles suculentos e mui bons de se pescarem, procuramos um lugar onde nasça pasto propício a ruminantes e outros pequenos animais. No entanto, parece-me ser essa uma empresa fadada à ruína.

Um pássaro, tírio nas cores em que esvoaçava, cruzou o céu à direita de nossas cabeças; sinal infalível de boa fortuna. Sorrímos uns aos outros diante daquele bom presságio, dando ainda mais forças aos remos.

Quando já não mais agüentávamos mover os braços, e o suor de nossas fronteiras nos embotava a visão, queimando os olhos; no horizonte, com linhas mui tênues, avistei uma civilização. Alegria indizível invadiu-me o imo peito. Há meses não víamos casas hospitais, onde os homens encontram bebida quente e companhia junto ao fogo.

Atracamos nossa embarcação junto a um rochedo escarpado, distando cerca de um quilômetro do vilarejo; lugar recôndito, confiamos a ele nossa fuga, caso selvagens se mostrassem os homens locais.

Caminhamos ao longo do rio, desviando de alagadiços e juncos espinhosos, até chegarmos à vila.

Era pequena, constando não mais de vinte casas, uma construção mais alta, com duas torres de guarda, certamente a morada de seu líder, e um salão comprido, tangenciando a ala oeste do círculo, terreno sagrado às festas locais.

Conforme pisávamos aquela terra nova e éramos avistados por algumas crianças de cabelos dourados, sentíamos que aquele lugar não era, de forma alguma, hostil a estrangeiros. As cabeças curiosas que se esticavam para fora das janelas nos acenavam jovialmente, convidando-nos a entrar.

Um homem forte, em tamanho semelhante a Torin, saudou-nos junto ao portão oriental; falava uma língua já esquecida pelos homens comuns, a língua dos heróis.

– Nobres estrangeiros, discípulos da natureza – disse-nos –, acompanhai-me da cidade através, para que, tendo a vontade da fome e da sede saciado, possais contar-nos vossa descendência ilustre, e as razões da jornada que empreendem!

– Tolo seríamos ao recusar tal ilustre convite, meu bom homem – repliquei-lhe em seguida.

Trocando sorrisos, dirigimo-nos ao salão de festas, onde uma mesa comprida e farta nos esperava, bela de se ver.

Assentamo-nos, conforme nos foi mostrado, ao lado daquele homem titânico, que se mostrava pastor da gente local.

Ah, meus leitores, ali, tivemos um banquete como jamais havia visto; aves inúmeras de penas mui raras cozidas no vinho rubro nos eram servidas sobre pequenas esteiras de bambu, enquanto uma bebida, capaz de acender o peito de até o mais velho dos homens, ingeríamos, alegres; frutas exóticas, com cores berrantes, mulheres belíssimas as traziam para nós em bandejas de prata, ricamente adornadas em motivos naturais; bardos cantavam junto às pilastras de madeira, todas elas encravadas com ouro, imitando folhas de castanheiro; o prato principal, num caldeirão de bronze carregado por cinco homens, consistia de uma espécie de caldo de ervas, pequeninos crustáceos e frutas cítricas – um festival de cores e sabores dançando entre nossos dentes pasmos e felizes.

Comemos; ah, como comemos! Tudo o que aquelas damas majestosas nos traziam era degustado com grande entusiasmo. Muito felizes, de fato, estávamos; mas Torin nos

excedia neste requisito, por parecer, mais que todos, extasiado perante aquelas formas femininas, tão belas e puras. Carregavam os cabelos, dourados como os de meu amigo ingente, em longas tranças enfeitadas com folhas e flores alvas; seus vestidos eram simples, de cores celestes ou iguais às daquela floresta, e atingiam até onde seus pés tocavam o chão, terminando em pequenos bordados imitando heras; sua pele alvinitente era sardada e, sobre os braços, coberta por uma pequena pelugem dourada, imitando o pólen espalhado na pétala de um lírio – eram belas, e pareciam exalar um néctar de felicidade de seus sorrisos castos.

Foram os momentos mais felizes de nossa viagem, pois, leitores amigos, mais e melhor do que nunca, nós comemos!

Capítulo Vigésimo Terceiro

DOS ELOGIOS À BENEVOLÊNCIA DE TEUENOHR E SEU POVO

– Dizei-me, meus hóspedes – principiou aquele grande homem –, agora que vos vejo satisfeitos e felizes, vossos nomes, os parentes queridos de quem vossos peitos se ufanam de descenderem, e a missão que vos foi incumbida, de forma a entrarem na terra dos crustáceos.

– Nobre anfitrião – eu lhe dizia –, vós que sois, mais que todos os homens por nós conhecidos, benevolente e bem-intencionado, digo-vos, com a jactância que isso me causa, que somos batedores do exército de Kadum-Palr, comandados pelo afamado pastor de homens Gummerkeind, líder insigne. Estamos em vossa terra amistosa com a tarefa de procurar víveres e outros bens necessários à vida humana.

– Sois bem-vindos, homens de Kadum-Palr, e vos darei, ajudando-os em sua tarefa, esses dons hospitais: três sacolas de viandas, defumadas e temperadas com ervas raríssimas, o alimento de heróis; um barril contendo néctar de flores-da-lua, as quais estou certo que desconhecem, tamanha é a dificuldade de consegui-las; e três bolsas de couro, onde minhas mulheres depositarão sementes salgadas, com que vos alimentareis em duras caminhadas, pois estas têm a qualidade de restabelecerem as forças vitais aos homens.

Meus companheiros, boquiabertos diante de tanta opulência, reverenciaram aquele homem raro, e eu, de minha parte, pedi humildemente que nos ensinasse seu nome, para que pudéssemos sempre louvá-lo em canções futuras.

– Teuenohr, filho de Dorthnohr; este é nome pelo qual me chamam as gentes desse lugar, de quem sou pastor amigo – disse-nos.

Elogiamos, longamente, a beleza e suntuosidade daquele povo que, apesar de simples nos modos, demonstrava uma grande sabedoria para distribuir e empregar os elementos mais simples os quais Gaia lhes fornecia gratuitamente. Torin, com efeito, superou-nos ao louvá-los.

– Ó aluno da natura, grande Teuenohr – arriscou-se ele na língua dos antigos guerreiros; sabia-a com alguma proficiência, tanto me havia escutado cantando gestas ancestrais –, que sempre floresçam bens no coração de vosso povo, pois que é o mais singelo povo já mirado por meus olhos de guerreiro. Tamanho assombro invade-me o imo peito ao ver vosso esplendor, que penso não poderdes ser homens comuns, mas, sim, varões de tempos mui longíquos, já perdidos pelas guerras pungentes que tantos males trazem aos mortais. Lembro-me até, ao ver-vos, da família cara que deixei nos montes pátrios, terra tão amada! Lá, também, os homens são ingentes e seus cachos são de ouro. Entretanto, não se vos igualam nos haveres concedidos pela Mãe de tudo, nem, ao menos, na beleza das mulheres de cinturas tão bem-feitas; as sirenas, nem elas, por meu líder encontradas ter deviam pulcritude como a que estas no semblante ostentam; e, se acaso a tivessem, vossas mulheres as superam nos demais fatores todos que à feminilidade dão maior grandeza.

Bo, por outro lado, não tinha a mesma facilidade a expressar-se nos dizeres anciãos. Quando a tarde já se perdia no horizonte e sentíamos nova necessidade de festejarmos, levantou-se da mesa, e pediu-me que o acompanhasse com a lira nos movimentos acrobáticos que faria. Desta forma, eu ia espalhando no ambiente uma harmonia bonançosa e que aos homens faz dançar, enquanto meu amigo ia em seus saltos felinos e danças com espada. Todos da mesa partiram, dançando alegres ao som de minha lira.

Capítulo Vigésimo Quarto

QUE CONTA OS SEGREDOS DA TERRA DOS CRUSTÁCEOS

– Meus amigos – disse-nos Teuenohr ao cair da noite –, por serdes vós os hóspedes mais queridos a passarem por minha terra, quero mostrar-vos algo nunca antes mirado por um estrangeiro. Acompanhai-me. Sim, vinde, meus caros. Em troca, peço-vos que me expliqueis, mais tarde, o que vosso líder tem por missão, perto de meu reino. Vinde – íamos caminhando para fora do vilarejo, embrenhado-nos naquela mata outonal, enquanto Teuenohr, filho de Dorthnohr, nos dizia estas palavras.

Mais uma vez, vi-me escalando um píncaro íngreme, fazendo uso de apenas os membros de meu corpo.

Ao final de uma jornada dolorosa, alcançamos o ponto mais elevado do local, e, acompanhando o movimento leste-oeste que nosso anfitrião desenhara com sua mão, olhamos, estarrecidos, para onde o céu erguia seu reino aéreo, o ponto em que se unia com Gaia, e vislumbramos um drago descomunal, todo ele fulgia, à luz da lua, como se feito de gemas preciosas, erguendo-se com movimentos lentos e pesados, e criando uma pequena sombra sobre a floresta outonal. Um grunhido agudo cortou as nuvens, atingindo-nos os ouvidos, e a fera majestosa se precipitou na cadeia de montanhas, furtando-nos aquela visão.

– Vistes, amigos, o drago protetor destas plagas onde moro. Sempre que uma ameaça se aproxima da floresta, vêm-nos o drago, como a salvação alada que tanto louvamos. É nosso maior bem-feitor, presente impagável que Gaia nos deu. Não bastasse ser um guardião fortíssimo, a fera, durante o dia, contende bravamente com as tenebras da noite, de forma que o tempo em nosso reino passa muito mais lentamente que em qualquer outro lugar; enquanto estiverdes conosco durante uma semana, mundo afora um dia apenas terá se passado. Assim, vivemos tempo sete vezes maior que os demais homens. Contudo – disse-nos, e sua voz se tornou grave e sonora –, quando nossos ancestrais receberam de Gaia este dom querido, ouviram da própria terra, com sua voz que freme o mundo, uma profecia de que o drago nos destruiria a existência querida, caso acolhêssemos males para nós mesmos, deixando que nos tornemos lassos e indignos do bem recebido. Por este motivo, sempre nos vigiamos, para sermos, constantemente, bons e amigos.

Depois de presenciarmos tais maravilhas, voltamos ao vilarejo, felizes e estarrecidos.

Capítulo Vigésimo Quinto

DA SABEDORIA DE TEUENOHR

– Viemos, ó nobre Teuenohr – disse-lhe, terminada a pequena viagem de volta, e respondendo ao pedido que havia feito anteriormente –, com a missão de defender nosso posto avançado; um passo entre duas paredes rochosas, circundado por outras montanhas. Como deveis saber, a guerra se está a espalhar, como uma doença terrível, devastando reinos, matando homens, e fazendo com que pais tenham de enterrar seus próprios filhos, estando eles, logo mais, indefesos perante a massa disforme de criaturas ensandecidas, crias da noite; muitas vezes virando repasto de aves, e tendo cães lhes comendo suas vergonhas desnudas. Com a finalidade de evitar que tal calamidade se abata sobre nosso reino tão querido, nutriz de guerreiros, viemos, eu e meus companheiros, dos quais já conheceis dois dos mais ilustres. E nosso cuidado é o de guarnecer aquele vau, não permitindo que a horda imiga nos extrapasse. Isso é tudo; agora, sabeis, com alguma exatidão, o triste destino que nos aguarda; nove homens, mesmo que sendo os melhores, contra um exército portentoso. Ah, antes ser um mendigo nas ruas de Kadum-Palr a ter de morrer tão longe de casa!

– Wolltert – replicou-me o pastor de homens Teuenohr –, por que tais palavras do encerro da boca soltaste? Cria-te um homem de maior siso. Quem te vê, com teu porte majestoso, forte de expressão, ainda mais agradável no simpósio, onde conheço-te o dom de encantar os homens, inventando os cantos e histórias mais agradáveis de que se têm notícia; quem te vê assim, meu amigo, jamais imagina que podes dizer tamanha estupidez! Não há valor maior, caro Wolltert, que contender por um ideal valoroso! Não há, repito-te, glória maior que aquela conferida ao pai que defende a esposa amada e os filhinhos, mesmo tendo de dar a vida para tanto. As penas que se sofrem neste mundo, meu caríssimo amigo, só são degradantes se o motivo também o for. Tudo que te suceder enquanto estiveres no caminho da luz só te pode engrandecer o espírito e a fama que terás entre os teus iguais. Por isso, rapaz, não tenhas medo de morrer, pois que a morte nada mais é que uma transição de mundos; todos os que acreditam no ciclo natural das coisas assim o sabem. Tenha medo, isso sim, de seres vergonhoso perante teus pares; tenha horror, meu irmão, de fugir a um

destino bem-aventurado por não padeceres pelo que é certo. Tudo na vida se dá quanto se faz o que é honrado. Então, meu jovem, luta! Luta a sorte de teus parentes que choram tua ausência na pátria querida! Luta pelo ideal de teus superiores, e pelo teu também! Luta, que nada de ruim te pode acontecer!

Comovido por aquelas palavras, e, ao mesmo tempo, sentindo-me o pior dos mortais, acompanhei Teuenohr, o melhor homem que já conheci, levando meus companheiros, taciturnos, de volta à aldeia dos crustáceos.

O grande drago, naquele momento, cruzou os céus, conferindo-nos força com que agüentássemos as penas da vida.

Capítulo Vigésimo Sexto

DE NOSSA ESTADIA E DESPEDIDA NA TERRA DOS CRUSTÁCEOS

Assim, convencido-nos mutuamente de que não haveria mal em passar uma semana junto àquela gente ímpar, já que, fazendo-o, nos ausentáramos apenas por um único dia, convivemos com Teuenohr, ajudando-o em suas tarefas diárias.

As manhãs nós passávamos nos campos que se situavam atrás do vilarejo, onde havia uma grande plantação de ervas inúmeras, todas elas até então desconhecidas por mim e meus companheiros diletos. Trabalhávamos alegres, todos cantando a beleza das coisas que Gaia nos dá, e agradecendo à grande Mãe por todos os bens a nós concedidos.

O almoço, como sempre, era o momento de maior alegria, pois a culinária daquele povo era de tal modo exqu coasta, que faltam palavras, mesmo a mim, para descrever-vos, meus leitores queridos, todas as iguarias que enfeitavam a longa mesa do salão de festas. Digo-vos, no entanto, que muito cantamos, dançamos e comemos durante aquelas refeições. E as mulheres nos encantavam com sua doçura e amabilidade. E, continuamente, Torin as observava, quase que se desmanchando em lágrimas, como quem presencia uma epifania de forças extramateriais.

Às tardes, Bo brilhava no ensino das artes da guerra. Os jovens o acompanhavam, respeitosos, enquanto lhes mostrava como estocar e golpear com destria inigualável. E, igualmente, instituiu também o ensino do manejo do escudo e outras táticas defensivas, as

quais tanto nos ajudaram em combates anteriores. Todos se lhe tornaram amigos e admiradores. Ninguém o superava em belicosidade, tamanho era seu poder guerreiro.

Contou-lhes também, na roda em que se sentavam ao final de seu treinamento, as lendas de heróis famosos de seu reino. Não se esqueceu, e nunca se esquecia, de relatar-lhes o que lhe passara quando tinha apenas seis verões de vida: dizia ele que, enquanto caminhava rumo ao poço de sua vila, cumprindo o pedido de sua mãe diletta, um homem se lhe aproximou, todo ele vestindo-se em uma armadura escura. Com um sorriso simples e varonil, entregou-lhe a espada que até aqueles dias meu amigo empunhava, ajuntando ao ato as palavras – Sê forte, e luta pelos teus iguais – Tão misteriosamente como havia aparecido, foi-se pelo ar, aquele ente benévolo.

Com tais fatos, a todos encantava no período em que o periastro caminha pela face oeste dos reinos aéreos.

À noite, jantávamos, repetindo a jocosidade da refeição anterior, mas dando preferência a frutas e outros alimentos de digestão mais facilitada; para, então, dormirmos, cansados, mas felizes como nunca.

Ao final daquela semana, reunimo-nos no portão oriental; lágrimas nos olhos, pois era a despedida. Agradecemos imensamente a generosidade daquele povo amigo, e eles, por sua vez, o fizeram pela ajuda que lhes demos e os ensinamentos marciais de Bo. Abracei Teuenohr como a um irmão; ele que me havia ensinado algumas das coisas mais importantes da vida. E a toda aquela gente heróica desejei os melhores destinos possíveis.

Torin, mais relutante que Bo e eu, despediu-se daquelas mulheres com muito pesar. Enquanto recebia os últimos conselhos de Teuenohr, vi-o, atrás de uma das casas, com a mulher mais bela do lugar, a qual lhe instava que a levasse junto dele, ou ainda que junto dela ficasse. Senti um fogo odioso queimar-me as entranhas, e, enojado, rezei para que Torin tivesse mais juízo que a desmedida mulher, certamente tomada por uma cegueira espiritual. Felizmente, vi o gigante virar-se, dor no semblante, vindo em nossa direção.

E, assim, com dificuldade e penas terríveis, tomamos nosso barco, deixando os dias de paz e felicidade para longe de nosso presente. Mas o drago, queimando os céus, lembrou-nos da dualidade de todas as coisas, nutrindo-nos com alguma esperança.

Capítulo Vigésimo Sétimo

DO INÍCIO DE NOSSO RETORNO

– Vi o que fizeste, nobre Torin – disse-lhe quando nosso barco tomou alguma velocidade, e as mãos acenantes em meio às tochas já não podiam mais ser vistas no horizonte. – Foi algo de muita coragem, meu amigo; é duro deixar para trás alguém querido ao imo peito. Deves estar te sentindo o pior dos mortais. Posso imaginar o tamanho de tua dor, mas não te afliges, meu irmão.

– Ah, caro Wolltert, fiz o que era preciso ser feito. Bem conheces tu o resultado de raptos de princesas estrangeiras, não é verdade? – respondeu-me assim, esboçando um meio sorriso, o qual não durou mais que alguns segundos. Entretanto, pude ver que, malgrado o carinho que o gigante tinha pela garota, estava confiante em haver feito o que era certo; e aquilo foi algo novo para mim. Tomei-lhe a dor da partida, sentindo eu mesmo o peito dilacerado, e os olhos pesados com a torrente que viria.

– Viste o que fizeste, Torin? – disse-lhe Bo enquanto eu me desfazia em pranto – Agora o pobre Wolltert se comoveu com tuas desaventuras amorosas! Vamos, Wolltert, não fiques assim. Torin está bem.

Independente do que meus amigos queridos me dissessem, eu estava desolado. Acabado, completamente rendido perante aquilo. E digo-vos, meus leitores, o que me chocou não foi o sentimento de Torin, mas a maneira como o mesmo agiu, seguindo o conselho de seu próprio peito, apesar das dores que sofreria durante algum tempo, pois sabia que, para ele e todos os outros, era o que deveria ser feito. Diante de tamanha nobreza de sentimento, comovi-me, e chorei longamente, cantando, quando podia, um encômio ao varão Torin, o grande senhor da guerra que perdeu sua amada, por amar, mais que tudo, o ideal guerreiro.

Capítulo Vigésimo Oitavo

DO SINGELO EMPECILHO A ATRASAR NOSSOS HERÓIS

Mais uma vez nosso barco ia à água. Entretanto, agora enfrentávamos a correnteza que nos trouxera até a terra dos crustáceos. Afim de vencê-la, íamos remando, com grande afinco, da placidez noturna através. E eu, já recomposto do pranto copioso, e renovado das forças varonis, acompanhei meus amigos naquela empresa braçal, enquanto entoava os sucessos dos heróis ancestrais, tão queridos a Torin.

Sentíamo-nos felizes e como que despidos de um terrível manto plúmbeo, formado todo ele das conturbações do imo peito; em tempos negros, os homens carregam fardos maiores do que seus próprios corpos.

E foi Bo, tomado de uma súbita preocupação, quem nos tirou de tal estado de profunda letargia.

– Amigos – irrompeu o do arco iracundo –, cessai vossos cantos, e dai-me atenção por um instante! Vedes aquelas duas rochas frondosas, que do rio se alevantam indireitas, à cúpula da noite rumando?

Consentimos prontamente; os sentidos de repente se lembrando dos males do mundo real.

– Pois bem – completou em tom mais baixo –, há pouco vi dois seres, um de cada lado da correnteza, espreitando-nos em suas rochas. Tomemos, céleres, armas em punho, para que possamos dar luta a todo mal que nos ameaçar!

– Um momento – interrompeu o gigante, um sorriso astucioso demonstrando. – Façamos desta forma: que nosso bom bardo cante a esses monstros uma de suas canções maviosas, que aos homens trazem paz, pois lhes abonança o imo peito. Nós dois, caro Bo, tomemos posição de luta, caso algum outro perigo se nos apresente.

– Falaste com siso e eloquência, nobre Torin – disse-lhe, maravilhado.

– Não, não! – embora ensandecido, agora Bo murmurava, pois íamos nos aproximando das rochas, e nossas vozes podiam nos denunciar – Mister é que matemos esses bichos, levando suas cabeças como troféu para o chefe de homens, Gummerkeind!

Vi, nestes moldes, meus dois amigos entretidos em debate caloroso, palavras e gestos transbordando para fora de nosso pequeno barco.

Diante da eminência do perigo, saquei de minha lira, e dei início a um canto esquivo, em que se narravam as genealogias dos monstros, dando-me ao trabalho de eliminar as muitas partes em que estes eram subjugados pelas forças primeiras de Gaia.

Antes de que Bo pudesse se objetar à idéia, duas cabeças hediondas surgiram de cada lado do rio, sobre as imensas rochas; olhares extáticos demonstravam estarem, de todo, seduzidas por meu cantar portentoso.

– Viste?! – disse Torin em voz tão baixa que só pude ver-lhe os lábios se mexerem com grande alegria.

O do arco iracundo deu de ombros, e, espada em punhos, escrutinava cada ponto da floresta com seus olhos de caçador; enquanto Torin, rapidamente, conduziu nosso barco até a margem.

Minha canção despertava um interesse inacreditável naquelas criaturas, de modo que, não só deixaram suas rochas e passaram a seguir-nos, como também urraram a seus amigos monstros, para que eles também, embevecidos, pudessem ouvir as gestas das bestas noturnas.

– Ah, sim – bradou Bo. – Vejo, Torin, como teu estratagema nos salvou! Agora, ao invés de duas feras, teremos toda uma horda!

– Pense, caro Bo – ufanou-se Torin – que hão de ser uma horda de troféus também.

Jamais vi homem tão encolerizado como Bo se tornou naquele instante. A sabedoria de Torin, com efeito, deve tê-lo encantado os sentidos da mesma forma como a mim encantou. Urrou um desafio, e célere adentrou a mata; tamanha era sua sede de glória.

– Amigo Wolltert – disse-me o de mil engenhos, Torin –, cuida de nosso rêmige transporte, pois vejo, mais à frente, a fera de quem tu tanto nos adverte em prosa e verso; sim, trata-se de um demo terrível, certamente descende em quinto ou sexto grau daquele que o grande guerreiro matou, quando ajudava os povos nórdicos. Urge o ideal heróico que eu, sendo o maior e mais forte dos homens, o destrua com minhas próprias mãos desnudas, inermes, ó Wolltert!

Estupefato, assisti-lhe enquanto corria, o mundo fremendo sob seus pés, e, aos poucos, se encobrindo nas tenebras da noite.

Quedei só e taciturno, espada em punho. À minha volta, as densas camadas de mal me impediam de enxergar o combate que se processava entre meus bons amigos e aquele exército infernal.

Em tal instante funesto, lembrei-me do fármaco de Hacknard, e vi o quão desnecessário o mesmo era para meus companheiros caçadores de monstros. Lembrei ainda

dos ensinamentos de Isäsbarch, e concluí que, para aqueles dois homens, a única sabedoria verdadeira, era a do guerreiro.

Homens urravam, feras ganiem, e aço, sistematicamente, soava seu clangor de morte; uma sinfonia bélica, terrível de se ouvir.

Bo e Torin, por fim, voltaram. Intactos estavam, de fato. O primeiro ostentava um prazer indizível em seu sorriso felino, o segundo, uma serenidade ativa e aterrorizante; ambos banhados em sangue imigo.

– Wolltert, bardo ímpar, dar-te-ei matéria para um canto novíssimo, já que dei fim ao demo da noite. Trago sua cabeça para prová-lo – assim dizendo, ergueu uma massa disforme e ensangüentada.

– Isso é tudo que fizeste? – zombou o outro. – Nada é comparado à centena de monstros horrendos que pereceram ao fio de minha espada. E outra centena matara, não me tivesse quebrado o arco do qual a fama vós ambos bem conheceis.

– És, sem dúvida, o mais belicoso dos homens, ó Bo. E tu, nobre Torin, o mais heróico de todos – disse-lhes, extasiado.

– Agradeço-te os elogios, bom Wolltert – disse, risonho, o gigante. – No entanto, foi tu quem fizeste o trabalho sem igual, ao enfeitiçar as tais feras de modo a afastá-las de suas consciências usuais. Completa agora teus grandes feitos: toma força nos braços e guia-nos, tranqüilo, até o acampamento hospitaleiro, onde os companheiros diletos, de certo, nos esperam com grande ansiedade.

Sorri, meneando a cabeça em assentimento, e, enquanto meus amigos se recuperavam da lide, remei como nunca homem algum jamais remou.

Capítulo Vigésimo Nono

DA HONROSA CELEBRAÇÃO QUE ENTRE AMIGOS TIVEMOS

Esgotados de suas forças vitais, meus dois amigos jaziam num canto do barco; ainda esbaforidos por conta da grande tarefa por eles empreendida. Achei por bem aconselhá-los a degustarem das sementes salgadas, as quais nos foram entregues pelas mulheres da terra dos crustáceos, em sacolas de couro de bela feitura.

Conforme provavam das pequenas sementes, pude vê-los recobrando a energia que lhes havia fugido dos corpos guerreiros; aos poucos, foram reganhando sua coloração normal e diziam-me até de seus ferimentos de guerra as dores parecerem diminuídas; tal era o efeito das mágicas sementes.

Dei-me por contente de vê-los mais uma vez varonis e insuflados de grande poder braçal. De bom grado, portanto, ajudaram-me a mover o barco correnteza acima; e assim foi que conseguimos, novamente, alcançar o acampamento hospital, onde os companheiros diletos nos aguardavam com preces e grande euforia.

O primeiro a demonstrar-nos benquerença foi Gummerkeind, o qual nos veio saudar, tendo-nos avistado descarregando os presentes que trazíamos da terra dos crustáceos.

– Salve, Wolltert, Bo, e Torin – disse-nos –, bons sequazes meus! Por quais terras andastes, e qual foi a razão de vos demorardes dia e noite adentro, preocupando-me o imo peito com vossa segurança?

– Ó Gummerkeind – replicou-lhe Bo –, por conta de minha virtude caçadora, guiei esses homens por terras nunca antes desbravadas, encontrando-nos na paradisíaca terra dos crustáceos; onde, graças à hospitalidade garantida pelo bom-falar de Wolltert, fomos agraciados com os presentes que vês à tua frente, do quais não chegaríamos a ufanarmos-nos, e entregá-los a ti, se o bom Torin, nosso baluarte, não nos houvesse guarnecido com sua força sobre-humana. Isso é tudo, sem delongas nem circunlóquios.

– Tens sempre a qualidade de exceder a todos os outros na rapidez da língua e da espada, sóbrio Bo – elogiou-o assim o pastor de homens.

Zemckam e Perhetürk, pela primeira vez, desde que iniciáramos viagem rumo àqueles montes, teceram-nos elogios, mesmo que breves e comedidos os mesmo fossem. O primeiro, misterioso homem do oriente, parecia deliciado com o conteúdo do barril que carregávamos, pois o néctar de flores da lua lhe era sagrado e utilizado em libações às forças primeiras. Por outro lado, o grande bárbaro parecia de tal modo comprazido com as porções de viandas, que nos celebrou como heróis e amigos queridos.

Minha sacola de sementes leguei a Hacknard e Isäsbarck, que agora, devido à divisão de trabalho que lhes coubera, se encontravam engajados numa amizade nunca antes vista. Para calar-lhes qualquer mostra de descontentamento, achei que esse era um preço pequeno a ser pago.

E numa grande fogueira, abraçados pelas montanhas do vale ancestral, comemoramos nosso retorno bem-sucedido, comendo e bebendo os despojos acumulados nas viagens fantásticas.

Capítulo Trigésimo

EM QUE SE NARRA A CONTENDA ENTRE TORIN E GUMNERKEIND

– Amigos meus, companheiros fiéis – assim começava Gumnerkeind ao final de nosso lauto banquete –, tenho absoluta certeza de que vós sabeis a situação em que nos encontramos presentemente. E sabeis que sois os melhores dentre os vossos, e por esse motivo fostes escolhidos, sob votos de bem-aventurança da parte dos familiares queridos, para a missão solene de servirdes de isca para o inimigo, enquanto nosso grande exército pilha cidades e captura escravos para a terra pátria.

Assim disse, fazendo-nos quedar pasmos e perplexos diante de sua falta de estímulo e visão distorcida do mundo em que nos encontrávamos. Foi Torin, como não podia deixar de ser, quem defendeu a honra do grupo guerreiro.

– Chefe Gumnerkeind, mais que todos os homens insano, que palavras foram essas que do encerro da boca soltaste? Não me conte mais entre os teus se o que disseste agora te veio do imo peito, como forma verdadeira do que achas de nós e da missão que nos foi incumbida. Eu vi, caro líder, homens mais fortes e mais valentes do que tu. Homens e mulheres que não temem viver pelo que é melhor para os seus. Nada há de mais belo nesse mundo de tantos penares do que o pai que, deixando em casa a esposa veneranda e os filhinhos queridos, parte para a defesa de todos, não se importando com sua própria vida; tamanha é a convicção que há em seu peito de que faz o melhor. Mas tu, logo tu que deverias tornar-te o símbolo mais alto da virtude humana, o baluarte emocional de todos nós, tu, ao contrário, só demonstraste, até o presente momento, seres o mais frio e insensível dos homens. E pior! Pareces, a cada dia que se passa e o inimigo não chega, mais e mais desinteressado nos assuntos da guerra. Esqueceste, acaso, que também tens um lar pelo qual deves zelar? Decidiste, ó grão-faz-nada, fugir da contenda e da glória bélica? Se este for o caso, que parta! Hemos de estabelecer, em teu lugar, outro líder, e não pior! Mas,

se por outro lado, queres ficar, demonstra (eu te desafio!) a razão de seres nosso senhor; o porquê de obedecermos a ti, e não a outrem!

Em tais termos se expressou o gigante, a fronte loura tomada por um rubor de cólera desmedida. Todos esperávamos, o coração se nos querendo fugir ao imo peito, enquanto os dois varões discutiam no chão das montanhas.

– Queres saber por que sou líder? E imagino que vós outros também o esperais ansiosamente; posso lê-lo em vossos patéticos semblantes. Pois direi; e, se após findado meu discurso, alguém se opor à minha liderança, estarei a vosso julgo.

Falavam frente à frente, mas nesse instante Gummerkeind principiou a afastar-se do gigante, andando em círculo em torno de nós; seu olhar, como, sempre, era nuvioso e indecifrável; um sorriso de desdém lhe escorria pelos lábios.

– O que se espera de um líder, eu vos perguntaria? Mas já digo o que vós responderíeis. Ouvi com atenção.

Parou sobre uma grande rocha, onde tomou de um galho, com o qual, olhando para baixo, nos apontava conforme se nos dirigia.

– Tu dirias carisma, Wolltert. Força, ouviria certamente de Perhetürk, e de seu amigo Zemckam, a obstinação. Por outro lado, Hacknard se oporia, choramingando o valor da presteza. Isäsbarch nos faria ouvir uma longa tese acerca do primor da sabedoria. Enquanto Bo urraria pela beligerância, e tu, grande Torin, pela virtude.

Sorriu longamente, sentado sobre o rochedo que se erguia acima de nós. Ninguém sabia ao certo o que fazer, ou de que forma as coisas haviam chegado a tal estágio de degradação, a ponto de nosso líder ter de defender sua excelência.

Torin, no entanto, expressou a indagação que todos nós nos fazíamos naquele momento.

– Acabaste de nos dizer, mui acertadamente, creio eu, o que cada um de nós acredita ser o maior valor atingível por um homem. No entanto, não nos disseste ainda o porquê de seres líder!

– O porquê, nobre Torin, já se encontra em sua própria resposta. Sou líder exatamente por saber o que cada um de vós crê mais importante na vida. E sei fazer uso disso para cativá-los e, igualmente, quando preciso, para açoitá-los. De modo que tenho a

capacidade de conduzi-los como bem entendo. E isso, meu amigo, é o que me faz melhor do que vós outros.

O silêncio cresceu ainda mais. Já não podíamos agüentar a pressão que sentíamos nos arreentar por dentro; tamanho era o sentimento de desconforto que a situação nos causava.

– És líder – terminou Torin – pela falta de escrúpulos. E isso só nos pode levar à ruína. Lembra-te disso no momento em que, ferido por aço imigo, morder a lama desse mesmo bosque. Lembra-te bem, pois tal momento, infelizmente, não tardará.

– Fica com teus próprios presságios, Torin. Pois, se eu vier a morrer, é inevitável que morras também. Confia, portanto, em meus desígnios; não te sobras outra coisa a fazer. E vós outros, meus amigos, ides ao leito, para que se deleitem vossos espíritos com o sono bem-vindo. Não canseis mais vossos corações com essas mazelas.

Desta triste forma, terminou-nos aquela noite. Na manhã seguinte, o pastor de homens, após o desjejum, inteirou-nos de seus planos de combate

Capítulo Trigésimo

DAS RESOLUÇÕES DE GUMNERKEIND PARA A GUERRA VINDOURA

Durante muito tempo, ouvimos nosso líder palestrar acerca de seus estratagemas para a guerra. Eu, no entanto, não vos saberia dizer, meus leitores, uma única palavra que da boca de Gumnerkeind nos veio naquela manhã.

Sentia-me o pior dos mortais, um nada, um excremento dos excrementos, a parte mais ínfima e podre do mundo. E, ao mesmo tempo, estava perdido, pois não me havia mais um motivo certo para caminhar em frente, para combater um outro povo. Nem sabia se podia confiar em Gumnerkeind, ou em qualquer outro dos membros daquele grupo.

Terminada a reunião, afastei-me do acampamento, rumando para aquela mesma nascente de água que me vira embarcar para grandiosas aventuras; a mesma que assistiu ao melhor estado de espírito que já me acometera desde o início de nossa empresa.

Sentei-me à beira do rio, as costas livrando do peso da espada e demais equipamentos. Sentei-me ali; e longamente olhei-me no reflexo daquela água em

movimento. Via-me, mas não entendia a imagem que se formava. Não era um homem; isso eu sei. Todos os perigos e sofrimentos por que passara me haviam transformado em algo que já não sabia identificar.

Enquanto me perdia nesses pensamentos obscuros, Zemckam e Perhetürk se me aproximaram, curiosos. Quando os percebi, já se encontravam quase a meu lado.

– Apaga de teu espírito aquilo que não te serve, meu irmão – disse-me a misteriosa figura de Zemckam, o guerreiro oriental. E eu o fitava com dificuldade contra a luz do sol, que lhe iluminava as vestes folgadas, de um azul tempestuoso.

– A vida é uma guerra constante – acrescentou o bárbaro, Perhetürk –; é sempre preciso lutar. Luta com bravura, e vencerás. Escolhe teus amigos e senhores de acordo com o que te podem ajudar quando estiverem lado-a-lado na parede de escudos, onde os homens demonstram seu verdadeiro ser.

– Ignorai, por acaso, vós ambos, a virtude dos amigos? – perguntei-lhes.

– E que virtude, tolo, é maior do que a de permanecer vivo? – respondeu-me Zemckam.

Silenciei-me por um momento, volvendo os olhos novamente para o riacho, onde um outro eu me olhava inquisidoramente.

– Podes delongar-te o quanto quiser. Mas lembra-te de que o tempo é cruel para todos, e principalmente para aqueles que perecem numa encruzilhada, sem se decidirem a que lado ir; e tu sabes muito bem os dois cominhos que agora se lhe apresentam – disse-me, pouco antes de ir-se embora, o oriental.

– Esquece o tolo Torin – terminou Perhetürk, enquanto aprumava suas vestimentas de couro, virando-se para partir –; ele será o primeiro a tombar em combate, pois não tem certeza de seu próprio ideal.

Olhei-me naquela água, e, do reflexo que se me surgiu, vi um ser desnorteado; alguém que não sabia o que empreendia, e nem a razão de o empreender.

De fundo de minha alma, brotou o mais triste canto; o canto da solidão. Tomado por aquele *pathos*, deixei-me cantar...

*Nesses tempos cinzentos em que o mundo
Parece desbotar-se lentamente,
Sinto-me fraco, como que doente;*

Leso, de um desvario oriundo

*Da muita sobriedade; e iracundo
Quando mister é ser mais complacente -
E assim me vou levando passo à frente;
Como trôpego vai um moribundo,*

*Vou eu galgando escarpas nessa terra,
Tombando, feito aquele cego que erra
Sem ver onde se dana. E sei, contudo,*

*Que este estado rude e tão sanhudo
Assola tanto a reis quanto a mendigos,
E a aquele a quem só falta um bom amigo.*

Terminado o canto, foi como se o próprio bosque se me derramasse em pranto. Consternado, fui ter com os outros, à procura de uma luz com que pudesse me guiar da guerra pelo caminho.

Capítulo Trigésimo Primeiro

GUMNERKEIND

– Dize-me, Wolltert – principiou o chefe de homens –, por qual razão me procuras, trazendo em teu rosto semelhante tristeza à das mães que os filhos perdem prematuros.

– Vejo-me preso, meu senhor, no reino de Saturno. Isso digo pois, com efeito, não me sinto apto a viver mais um dia sequer.

– E a que se deve essa choradeira toda, homem?! – bradou-me.

– Ah, senhor! – disse-lhe – Não consigo mais seguir as trilhas já empregadas por aqueles que viveram as batalhas de outrora. A mão que me impelia sempre à frente demonstrou-se, ao primeiro vacilo, ser fraca; talvez, hélas, ilusória! Dize-me, então, meu líder, dize-me o porquê de ainda lutarmos! Dize-me a razão de aqui estarmos, dando os corpos a toda a sorte de infortúnios, em meio às piores condições possíveis! Dize-me, enfim, que vale a pena tal esforço... É tudo que te peço; e tudo que agora, pouco antes de morrermos, preciso.

Como sempre, olhou-me num misto de escárnio e complacência.

– É óbvio, seu tolo, que vale a pena! Precisamos dar luta ao imigo sanguinário! Queres ver tua família nas garras desses lobos ensandecidos? Desses animais sem brio nem honra? É preciso que lutemos! Nossa causa é a mais nobre possível! Os poetas futuros cantarão nossos feitos em prosa e verso; tão grandiosa é a missão que nos cabe! Sê forte, e agüenta, que o momento chegará dentro em pouco!

– Dizes isso com convicção, Gummerkeind? – retruquei-lhe. – Estás pronto a dar tua vida querida em prol da terra pátria, dos parentes, e tudo o mais que te é caro? Tens certeza de que é justo matar mais homens, e sabes acaso quem são esses homens? Tens absoluta certeza de que toda essa derramação de sangue não só é necessária, como também é virtuosa? Podes-me jurar pelo teu próprio existir? Se podes, jura!

– Juro pelo que tu quiseres, Wolltert. – disse-me, sem muito interesse.

Desanimei-me no íntimo, mas sem deixá-lo transparecer ao pastor de homens, a quem dei um meio-sorriso, por mais que se me doesse o imo peito. Fi-lo sabendo que não havia modo de convencer aquele homem de que ele também estava incerto, e de que não era capaz de me guiar, por conseguinte.

Deixei-o assim; em estado pior do que estava quando o havia encontrado. E um novo canto tomou-me por inteiro, conforme me dirigia a meu próximo companheiro.

*Dentro de mim, nas grutas infundáveis
De meu peito, habita um morcego -
Espécie singular de antiego,
Que, se vos irrompesse, já mandáveis*

*Ao egresso, tal qual se trata um Édipo,
Este infeliz que entoa em vosso ouvido
Seu canto mortuário. Tem-me sido
Duro deter da besta o sortilégio*

*Que, cedo ou tarde, ao mundo lhe alçará
As asas de demônio. E, quando já
Me encontrardes perante vosso Minos,*

*Vereis sua cauda parca, ó florentino;
O fado vós sabeis de quem vitima
Sua crença, criando a imigo grande estima?...*

Em profunda letargia, fui cantando-me esses versos. E, encostados na defesa que há pouco haviam terminado de erguer, encontrei os dois tenentes de Gumnerkeind.

Capítulo Trigésimo Segundo

ZEMCKAM E PERHETÜRK

– Decidiste, enfim, ó Wolltert? – perguntou-me Perhetürk, o grande bárbaro.

– Como se decidir, eu vos pergunto, entre duas coisas, sendo que não se sabe o que são, nem a razão pela qual se precisam decidir?

– Deixa de circunlóquios, Wolltert – interrompeu-me. – As únicas coisas de que precisas para te decidires ao longo da vida é do imo peito e das boas coisas que o mesmo te diz, quando necessário. E, sabendo-as, que tenha força para tomá-las para ti.

Olhei-o, sem expressão alguma de sentimentos demonstrar, meneando a cabeça em descontentamento.

– Muito bem – retruquei-lhe. – Concordo que a decisão que vem de dentro é a mais acertada, mas como falas, dás a entender que é onisciente teu peito, meu amigo.

Com o silenciar-se de Perhetürk, percebi que eu terminara aquele diálogo. Fitei, então, o oriental misterioso, esperando que me dissesse algo de proveito, para que eu, também, lhe pudesse contribuir com alguma coisa.

– Wolltert, Wolltert – disse-me ele –, podes desbaratar tantos quanto quiser com tua vã filosofia. Entretanto, é o metal que vence os homens, e que move o mundo. Somente com a guerra do aço, criam-se e extinguem-se impérios. Pelo ouro, morrem tolos aos milhares. Sem o bronze e a prata, não se podem confeccionar as coisas mais necessárias à beleza da vida. E tudo isso, Wolltert, tudo isso é produto da força, da ira, e do combate. Sê, portanto, um senhor da guerra, e conquista todos que puder; os mais fortes para aliados, os mais fracos para escravos. Só assim se pode viver. Essa é a única lei que existe.

– Vives, então, como um animal desmedido, nobilíssimo Zemckam – disse-lhe. – Mesmo que aches isso virtuoso, qual a razão de assim viver? Para quê acumular metais, vencer os mais fracos, unir-se aos mais fortes; para quê, se no final morrerás?

– Quando morreres – grunhiu-me –, terás de prestar contas com Gaia, mostrando à Grande Mãe tudo o que fizeste em vida. O que tu mostrarás a ela, pobre Wolltert? – disse-me com escárnio.

– Tens razão – concordei. – Não mostrarei nem o ouro, nem prata, nem bronze, nem aço, à custa dos quais tivesse matado imigos para consegui-los.

– Exatamente, néscio. Não terás nada disso, pois não te esforças para acumulá-los, enfrentando legiões e grandes perigos! – terminou, entusiasmado pela sua grande perspicácia.

Repetindo meu antigo procedimento, sorri-lhe. E, com isso, deixei-os, e, estando ainda menos confiante de que pudesse descobrir o sentido da luta terrena, entoei um novo canto.

*O que são as escarpas verdejantes?
De que valem os lagos, as montanhas,
Os longos prados onde os rebanhos
Vão tranqüilos a plagas tão distantes?*

*Para que o frescor do céu, se antes
Que se possa dar conta, todo o ganho
De um dia vencido a duros lanhos
Se estremece quando a noite perante?*

*Por que a vida se só a morte é eterna?
Por que lutar a dor de quem se esgana
Por migalhas no chão de uma taberna?*

*E olho para ti, florzinha plana,
E pergunto-me: "Como, neste inferno,
Ainda tens o ardor de quem se ufana?"*

Capítulo Trigésimo Terceiro

ISÄSBARCH E HACKNARD

Sobre galhos de uma árvore frondosa, encontrei Isäsbarch e Hacknard, meus primeiros companheiros de aventuras, os quais discutiam fervorosamente. Alcancei-os sem ser notado, para que pudesse entender o âmbito da conversa.

– Apenas um gole – dizia Hacknard – desse fármaco jocoso, e ostento mais magia em minhas veias do que tu em teu corpo todo, meu amigo!

– Um momento – interrompeu meu antigo mestre. – Olha! É Wolltert ali embaixo quem, recôndito, nos escuta discursarmos! Saia daí, criatura, e diz-nos a razão de nos incomodares a vigília primorosa!

– Vim ter convosco, meus amigos – eu lhes disse –, a fim de que pudéreis me ajudardes, pois vejo-me sem rumo nessa vida.

– Ah, sim... – disse Isäsbarch, com um riso escarninho. – É evidente que estejas sem rumo, dadas as companhias às quais te incluis.

– Isäsbarch, não venho aqui por ninharias – fiz-me sério ao falar-lhe. – Tu, que te dizes sábio, conta-me, se podes, o significado da vida, e a razão pela qual ainda lutamos. Dize-me ainda, se não te fores além da capacidade nata, o verdadeiro por quê dessa guerra incógnita, na qual nos vemos circunscritos.

– Perdeste o siso, Wolltert – bradou Hacknard, esgoelando-se em risos. – Queres saber mais do que te é devido!

– Cala-te agora, infeliz – ameaçou-o Isäsbarch –, se não queres provar de minha magia!

O vigia silenciou-se a contragosto, descendo da árvore e procurando outro lugar para se instalar. Mas não sem antes demonstrar-me seu descontentamento num olhar de cólera.

– Agora – prosseguiu o mago –, às respostas de tuas perguntas. Apesar de teres me decepcionado tantas vezes, garoto, sinto que tens boa vontade; por isso, colaborarei para que sejas um pouquinho menos ruim do que és – limpou a garganta e olhou para os céus, coçando a barba, em busca das palavras com que me ensinar os caminhos da vida. – O que foi que sempre te ensinei, Wolltert?

– Que as coisas – principiei – são até deixarem de ser.

– E crês haver entendido isso? – inquiriu-me.

– Acho que sim, Isäs.

– Não, não, não! – disse, num crescente de volume – Não compreendeste nada, malgrado eu saber que repetiste isso à exaustão!

– Como assim? – pasmei.

– Se tivesses entendido, saberias que todas as coisas do mundo, todas que existem, um dia hão de morrer. E, assim sendo, a única coisa que se pode fazer, e se deve!, é manter essa ordem natural. Observa à tua volta, néscio! A natureza te dá o exemplo da vida em equilíbrio e harmonia! Deixa-te ser uno com essa harmonia!

Indaguei-me por um momento acerca daquelas palavras. O bosque continuava o mesmo bosque chuvoso, de um amarelo plúmbeo formado pelo céu de outono e as muitas rochas que cobriam o chão.

– Nunca deste atenção aos detalhes das coisas, meu discípulo – terminava ele. – Sempre estiveste com os olhos na superfície das coisas. Fizeste de ti mesmo um pequeno tolo, e o tempo que te resta é curto demais para que possas entender a magnitude de todas as coisas.

– E o que dizer de ti? É ainda mais tolo. Tanto por desvirtuar a verdade com circunlóquios, quanto por não trilhar o caminho que apregoas.

Tendo ouvido-me dizer isso, repetiu o caminho de Hacknard, fingindo-se desentendo e deixou-me só em meio à chuva e meus pensamentos perdidos.

Sentei-me num tronco tombado junto ao fogo, e, assistindo à dança das centelhas, novos versos escaparam-me ao imo peito.

*Da borrasca as centelhas cantam réquiens,
Como arcos rutilando o tom da tarde –
De tão cinérea a abóbada se esfaz
Em meio aos montes lívidos de dor.
E tudo obedece.*

*Deixa o céu estrondar nestes montes.
Deixa a terra frender sob os vales.
Ergue o mar rente à cúpula do mundo.*

*Cavalga lentamente o nimbo-cúmulo,
Conduzindo esta orquestra metamórfica –
Que faz e desfaz mundos, como quem
Singelamente vai arando a terra.
E tudo obedece.*

*Deixa o céu te levar nestes montes.
Deixa a terra abraçar-te nos vales.
Ergue o olhar rente à cúpula do mundo.*

Capítulo Trigésimo Quarto

BO E TORIN

É-me, cada vez, mais custoso recordar esses últimos momentos de nossa comitiva. Os presságios e entendimentos que pude assimilar durante tal tempo fizeram de mim o pouco que ainda sou, e de meus companheiros, o que deixaram de ser.

Permaneci junto à fogueira por mais algum tempo. Tempo no qual dei continuidade aos desbravamentos psico-existenciais com os quais vós, leitores meus, graças aos capítulos anteriores, tendes alguma familiaridade.

Enfim, digo-vos que já me sentia melhor com relação ao meu ser-no-mundo. E, por muito pouco, não deixei de lado meus inquéritos, tratando logo de colocar em prática o que deveria ser feito.

Porém, alguma força maior me fez acordar dos devaneios de potência com que me cingia, e, restaurada a consciência cotidiana, decidi que se terminassem meus diálogos, e atualmente minha obra, com meus últimos convivas. Assim, fui procurá-los pelos arredores do acampamento, encontrando-os empenhados em escrutinar o horizonte, à procura, certamente, de algum repasto.

Interrompi-lhes a empresa, dirigindo-me com galanteio a meus melhores amigos e companheiros.

– Salve, Bo, e salve, Torin, amigos diletos – eu lhes dizia. – Convosco, tive o que hoje considero minhas melhores memórias e feitos. Por isso tudo, desejo, antes de qualquer outro assunto, agradecer-vos a companhia prazerosa que me dispensastes.

– Teus elogios nos são bem-vindos, nobre Wolltert – respondeu-me Bo. – Atenta agora, no entanto, ao ponto que observamos além da montanha e floresta desse reino.

Olhei ao longe, acompanhando o gesto manual de Bo, o qual me apontava a um pequeno lago.

Ali, leitores amigos, eu vi o imigo.

Ficamos em silêncio durante um longo tempo, observando aquele povo estrangeiro, tão diferente de nós.

Fitei Torin, preparando-me para perguntar-lhe sobre tudo que nos ocorria e tantas coisas mais. O gigante encarou-me placidamente, com uma tristeza indizível marcada em seu rosto de guerreiro. Era o olhar de um pássaro nobre e altivo, mas enjaulado.

Naquele momento, naquele bosque, naquele vale, com aquele olhar me lamentando, eu me compreendi finalmente. E restou-me apenas rir, indefinidamente, do que eu tanto me impedira de entender; de tudo que eu fantasiara, mascarara, adulterara, numa tentativa inútil de esconder, de mim mesmo, minha total insignificância. Finalmente, sem eufemismos nem adornos, entendi que eu próprio era ridículo.